VERDE-OLIVA

Brasília-DF. Abril de 1992 — Ano XX — Nº 132

Centro de Comunicação Social do Exército

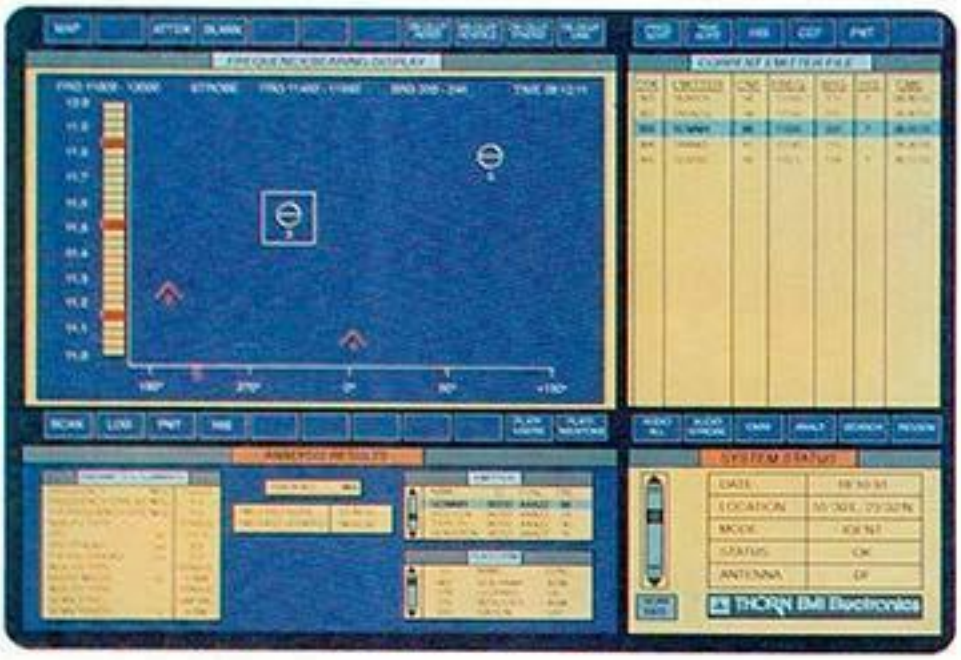
- ENTREVISTA COM O GUARDIÃO DO CEMITÉRIO DE PISTÓIA
- GUERRA DO GOLFO
- HELICÓPTEROS NA AMAZÔNIA
- XX CONFERÊNCIA DOS EXÉRCITOS AMERICANOS

TIRADENTES
Ideal e Sacrifício

THORN EMI Electronics

Respondendo às
crescentes necessidades
da Guerra Eletrônica Terrestre

CORVUS.
O estado da arte em Inteligência Eletrônica Tática.



Identificar e localizar radares inimigos é vital na paz ou na guerra.
Na paz, esta informação indica os potenciais de poder de fogo do inimigo e os padrões de disposição de tropas e treinamento. Na guerra, a localização de radares, por exemplo aqueles associados aos sistemas de mísseis de Defesa Aérea, fornece uma importante inteligência e pode prevenir que aeronaves amigas sejam abatidas.
Por estas razões, a Thorn Emi, a maior empresa de Guerra Eletrônica do Reino Unido, desenvolveu o sistema Corvus para Elint Tática. O Corvus detecta, analisa, identifica e localiza, rapidamente, todos os radares.
O Corvus fornece, rapidamente, inteligência técnica e tática, com precisão e com o mínimo treinamento de operadores.

Mesbla COMUNICAÇÃO E EQUIPAMENTOS

Divisão de Equipamentos Militares
Tel.: (021) 532-1198
Fax: (021) 220-6152

VERDE-OLIVA
Centro de Comunicação Social do Exército

Exército é qualidade

Raro é o militar que se contenta com um bom resultado – ele está sempre em busca da excelência, sempre à procura da perfeição.

Isto ocorre desde antes da incorporação – ainda durante a seleção –, quando se procura, entre todos os jovens que se alistaram, aqueles mais aptos ao serviço da caserna. Somente os melhores participarão da defesa da Pátria.

Como soldado, o jovem selecionado procurará realizar o melhor tiro, ter o melhor desempenho no Teste de Avaliação Física, ser o mais disciplinado e o mais amigo possível. Capricharã no seu serviço e o seu trabalho será muito bem executado. E ele ainda vai procurar melhorar, sempre.

Tudo isto é feito espontaneamente, porque ele sente que está ao lado de homens que também têm por único escopo a grandeza da Pátria.

E esta vontade de servir cada vez melhor contagia a todos: praças, oficiais e servidores civis, que digna e anonimamente, contribuem para engrandecer a Força Terrestre.

O Exército Brasileiro, desde seu nascimento – em meados do século XVII, quando da expulsão dos holandeses do solo pátrio -, por meio de seus homens, também tem evoluído, buscando incessantemente o seu aperfeiçoamento. Durante estes mais de três séculos, sempre primou pela QUALIDADE, jamais se omitindo; pelo contrário, sempre participando ativamente da vida da Nação.

Assim é que, de seus quadros, saiu o líder da Inconfidência Mineira – o **alferes** TIRADENTES – que até a caminho do patíbulo, há exatamente duzentos anos, certamente pensava que estava representando, além dos ideais de liberdade da jovem Nação, o sangue que o Exército Brasileiro já dera, e continuaria a verter em prol da grandeza da Pátria.

Este mesmo sangue generoso jorrou nos campos de batalha da Itália, de centenas de jovens que depuseram suas vidas no altar da liberdade, para que também ali o Brasil pudesse dizer "presente"!

Mas, o Exército Brasileiro não é somente sangue derramado por causa justa. Também é deste Exército o herói que, anonimamente, cuida, em Pistóia, do Monumento Votivo Militar Brasileiro, e que tanto tem contribuído para marcar a presença da Força Terrestre no solo europeu.

Também são do Exército os bravos dos Batalhões de Infantaria de Selva, que labutam na Amazônia para deixar bem patente a soberania nacional sobre aquele querido torrão.

Do mesmo modo, o Exército tem em seus quadros aqueles que, com competência e determinação, mostram a sua QUALIDADE nos esportes, até mesmo em âmbito mundial.

E para continuar a bem cumprir sua missão constitucional, o Exército aprimora-se e evolui, sempre buscando oferecer uma melhor QUALIDADE por seus serviços. Assim é que transfere Unidades e Grandes Unidades para locais onde melhor elas possam contribuir para o esforço em prol da grandeza da Pátria.

Também é na busca incessante da QUALIDADE que substitui materiais antigos por outros mais modernos, sempre obtendo o melhor rendimento das parcas verbas que recebe.

Do mesmo modo, gerindo com probidade e responsabilidade o dinheiro público, sempre teve por objetivo adquirir bens e serviços, que estivessem à altura de seu consolidado padrão de QUALIDADE.

SUMÁRIO

ENTREVISTA

Subtenente Miguel Pereira, guardião de Pistóia 2

GUERRA DO GOLFO

O sucesso da manobra terrestre 8

ARTIGO CONDENSADO

Helicópteros na Amazônia 12

HISTÓRIA

Tiradentes — Ideal e Sacrifício 18

HERÁLDICA 20

ATUALIDADE

Agora é aqui 22

Da montanha para os campos gerais 24

ESPORTES

Intimidade com o pódio 26

AS SECULARES

Batalhão Pedro Teixeira 27

TECNOLOGIA A SERVIÇO DO COMBATE

O Canhão Light 28

NOSSA CAPA

O Monumento Votivo Militar Brasileiro em Pistóia

VERDE-OLIVA
Publicação quadrimestral do Centro de Comunicação Social do Exército (CComSEx). Redação, Administração e Distribuição: CComSEx/QG Ex — Bloco B — Térreo — SMU — Brasília/DF — CEP 70630901 — Fones: (061) 223-6730 - 223-2859 e 321-4747 ramal 2750.
Impressão: Gráfica Valci
Tiragem: 25.000 exemplares
Circulação dirigida (no país e no exterior)
É permitida a reprodução dos artigos desde que citada a fonte
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA.

Valoroso guardião

INTEGRANTE DA FEB, QUE COMBATEU AS FORÇAS DO NAZI-FASCISMO NA EUROPA, EM 1944 E 1945, E RESPONSÁVEL, DURANTE QUINZE ANOS, PELO CEMITÉRIO MILITAR BRASILEIRO (ATUALMENTE MONUMENTO VOTIVO MILITAR BRASILEIRO) EM PISTÓIA, NA ITÁLIA, FALA DE SUA SINGULAR EXPERIÊNCIA E DE SUA DEDICADA VIDA MILITAR.

O guardião do Monumento Votivo Militar Brasileiro, Subtenente Reformado Miguel Pereira, esteve no Brasil ao final de 1991 e concedeu uma entrevista à Revista Verde-Oliva. Eis alguns trechos do emocionado depoimento de um "pracinha" que dignificou a Bandeira Brasileira no solo europeu:

V.O – Fale-nos do início de sua carreira militar e de como foi para a II Guerra Mundial.

ST PEREIRA – Nasci em Santo Amaro, Rio Grande do Sul, em 1918. Sentei praça no 3º/8º RI, em Passo Fundo, no ano de 1938.

Em dezembro de 1943, transferi-me para o Rio de Janeiro onde fui designado monitor do Curso de Especialistas, que funcionava no Centro de Instrução Especializada.

Ali amadureci a convicção de que não poderia ficar num serviço interno, enquanto meus companheiros estavam saindo para lutar na Itália (emocionado). Por isto, apresentei-me como voluntário e fui incorporado à Primeira Companhia de Transmissões.

Fui radiotelegrafista em todos os Quartéis-Generais e todos os Postos

" ... não poderia ficar num serviço interno, enquanto meus companheiros estavam saindo para lutar na Itália".

de Comando de Regimentos de Infantaria e ainda, durante um certo tempo, fiquei com a estação que fazia a ligação com o Brasil.

V.O. – Qual a graduação em que foi para a Guerra?

ST PEREIRA – Eu era terceiro-sargento radiotelegrafista do Grupo Rádio da Primeira Companhia de Transmissões, subordinada ao Comando da Divisão de Infantaria Expedicionária. Após pequeno período na guerra fui promovido a segundo-sargento.

V.O. – E a viagem para a Itália, como foi?

ST PEREIRA – Fiquei muito aborrecido por não ter ido com o primeiro escalão. Fui no segundo.

A travessia do Atlântico foi dura. Sair lá da roça, no Rio Grande do Sul e, após breve período no Rio de Janeiro, viajar num navio de guerra. . . Foram onze dias de ziguezagues e exercícios como se fossem verdadeiros. Lá no Estreito de Gibraltar foi real: houve o alarme devido à presença de um submarino. Fomos todos para as barcas de desembarque; o navio rodopiando e largando bombas de profundidade. . . Depois de cerca de uma hora – não foi exercício, foi verdade ! – o submarino desapareceu e o navio prosseguiu ainda ziguezagueando. Fomos bater lá em Nápoles.

V.O. – Qual foi o pior momento desta viagem?

ST PEREIRA – O pior veio depois, de Nápoles a Livorno. Fomos em 48 barcaças. Daquelas em que não entra água de jeito nenhum. As ondas do mar passavam por cima e a água não entrava. Mas, lá dentro, tudo virava e nós ficávamos amarrados nos beliches – foram 36 horas de inferno!

Quando desembarcamos, num dia frio e chuvoso, o primeiro escalão já estava brigando.

V.O. – E o senhor, quando entrou em combate?

ST PEREIRA – No dia primeiro de novembro de 1944 fomos para Porreta Terme, que era uma cidade bem **nas barbas** do famoso Monte Castello. Era considerada cidade-livre, mas caía granada de canhão por todo lado – **morreu gente que não foi sopa**. Foi, por assim dizer, meu batismo de fogo.

Entretanto, no dia três de novembro, fui convocado, à meia noite, para substituir um primeiro-sargento, que fora atingido mortalmente, em Marano. Fiquei lá 15 dias e neste período estive, realmente, dentro da guerra.

V.O. – Nesse período o senhor correu risco de vida algumas vezes...

ST PEREIRA – Houve um dia em que corri grande risco. Estava, junto com um cabo, instalando a antena de uma estação-rádio, quando caiu uma granada bem ao lado de onde nos encontrávamos, a uns trinta metros. Por sorte era um terreno muito pantanoso e não houve muitos estilhaços, mas ficamos todo enlameados. Era a dispersão de uma concentração de artilharia sobre uma ponte próxima. Lá seria morte certa. Como tivemos excelente instrução do procedimento nesses casos, eu disse para o cabo: "Vamos entrar no buraco da bomba". Ele se recusava e tive que insistir e dar-lhe ordens. Foi sorte. Logo que sumimos na cratera caiu outro tiro, bem na estação onde estávamos. Eles tinham nos localizado pelo goniômetro... eles tiravam ângulo. Era um perigo. Largavam bomba bem na cara da gente. A tal da antena voou pelos ares. Quando entramos no buraco, ainda estava queimando lá dentro, com fumaça por todos os lados.

Não morremos graças à instrução. Havia uma ordem: "primeiro tiro – entra no buraco; segundo tiro – fica no buraco; terceiro tiro – sai do buraco". Foi o que nos salvou. Ficamos rebocados de barro, mas vivos.

Numa outra ocasião, dia cinco de janeiro de 1945, em Porreta Terme, caiu um tiro de canhão onde eu estava com alguns oficiais e praças. Fui jogado pelos ares, bati no toldo de um caminhão e caí sobre o corpo de um mineirinho, que dera uns quatro ou cinco passos. Ele estava morto (emoção). Seu sangue, posso testemunhar, desenhou o mapa do Brasil na parede ao lado. Ele estava pensando no Brasil...

V.O. – Nessas ocasiões o senhor sentiu medo? Como o controlou?

ST PEREIRA – Vou dizer uma coisa: na guerra – notei, não só em mim, mas em todos os companheiros – entra um pouco de hombridade. Na realidade, tive medo de ter medo; medo de que me desse medo. Falando francamente, não tive medo; eu pensava: "estou aqui para isto". Graças a Deus, não senti medo, mas, por hombridade: o tenente ia; eu, sargento, também ia. Eu ia, meu cabo ia.

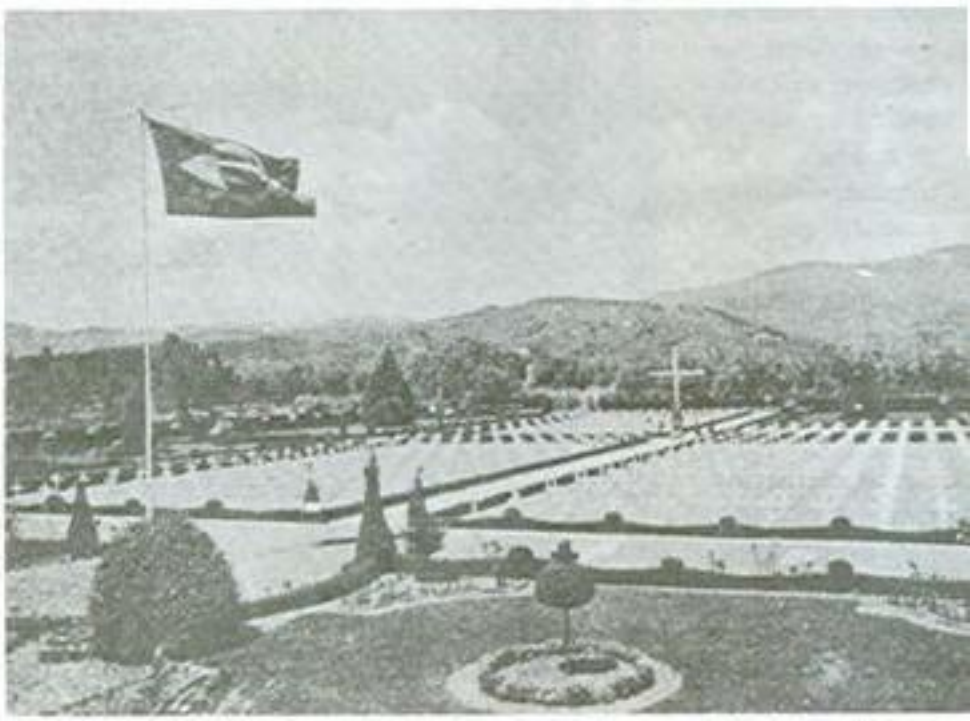
... a alvorada de minha vida foi no dia dois de maio de 1938. Nessa data, saí da roça no Rio Grande do Sul – muito me orgulho disso – para me apresentar como voluntário.

V.O. – A instrução recebida foi adequada? O senhor confiava nela, pois até entrou na cratera...

ST PEREIRA – Eu confiava plenamente. Posso falar que foi eficiente. Instrução séria e intensiva, ministrada por nossos oficiais. Confesso que eu não estava cem por cento, mas cumpri plenamente minha missão, muito ajudado pelos meus cabos e soldados.

V.O. – Quais as qualidades, quais as características mais marcantes que o senhor destacaria no nosso pracinha?

ST PEREIRA – A fibra, destacada mesmo pelos alemães. Como prova temos sepulturas de soldados brasileiros encontradas com a inscrição feita em alemão: "aqui jaz um herói". Nunca vi pracinha recuar. Quem dava o exemplo eram os nossos oficiais. Eu vi o General Zenóbio lá na frente, junto com os soldados na base de Monte Castello. Era soldado do Brasil! E o Marechal Mascarenhas de Moraes? Eu não entendia como ele ficava em Porreta, caindo bomba... ele ficou!



O antigo cemitério em Pistóia é...

V.O. – O senhor poderia citar alguns dos chefes militares com quem trabalhou diretamente?

ST PEREIRA – Fui radioperador

do Coronel Caiado de Castro e do então Coronel Castello Branco, ao lado de quem assisti à rendição da 148ª Divisão de Infantaria alemã. No final da guerra, eu estava com o General Zenóbio da Costa...

V.O. – Como a guerra terminou para a FEB?

ST PEREIRA – No dia dois de maio de 1945 estávamos no centro de Alessandria. Eu era radioperador do General Zenóbio. Ao meio-dia-e-meia houve uma chamada geral pelo rádio: "Cessar-fogo no Norte da Itália e na Áustria". Peguei a mensagem e fui correndo levá-la ao general, que determinou se disparassem 21 tiros de canhão e solicitou a presença do chefe do Estado-Maior. Em seguida, transmiti uma mensagem geral para toda tropa informando do fim da guerra.

... o atual Monumento Votivo Militar Brasileiro

V.O – Então o senhor foi o mensageiro da paz. Foi o senhor que informou à tropa o fim da guerra.

ST PEREIRA – Graças a Deus. Acho que foi uma coisa de Deus. Tenho muita fé e só peço que Nossa Senhora assista-me sempre, principalmente nestes momentos.

V.O. – Terminada a guerra, fale-nos de Pistóia e de sua vinculação com a Itália.

ST PEREIRA – Os primeiros mortos brasileiros, das primeiras batalhas, cerca de vinte, tinham ficado provisoriamente no cemitério americano. Após o ataque a Monte Castello foi necessário fundar um cemitério brasileiro. Em dezembro de 1944, o terreno foi requisitado, começaram-se a abrir as primeiras sepulturas e foram enterrados os primeiros mortos.

Ao findar a guerra, manifestei ao Marechal Mascarenhas de Moraes, de quem era amigo, meu desejo de permanecer na Itália, ajudando a cuidar do cemitério. Ele estranhou, pois eu era radioperador e não do Pelotão de Sepultamento. Insisti, dizendo-lhe que pretendia ficar noivo de uma moça italiana, que ele já conhecia.

Passado algum tempo fui autorizado a permanecer no Pelotão, em Pistóia, embora ali não houvesse vaga para segundo-sargento radiotelegrafista. Ajudei a sepultar os mortos que chegavam de Montese, onde tinham ficado provisoriamente. Logo depois, o pelotão transformou-se na Seção de Guardas ao Cemitério de Pistóia, com uns sessenta homens.

Fiquei noivo da italiana, mas, antes de me casar, recebi ordens para voltar ao Brasil. Saí de Nápoles em setembro de 1945, no último escalão.

Quando cheguei ao Brasil, apresentei-me ao Marechal, que estranhou o fato de eu ter sido repatriado, pois empenhara-se pessoalmente pela minha permanência na Itália. Prometeu que eu voltaria para casar-me com a italiana e assim fez.

Integrei a Seção de Guardas, que saiu do Rio de Janeiro ao final de 1946. Nessa ocasião, eu já estava casado; fizera-o por procuração meses antes.

Algum tempo após, a Seção de Guardas foi extinta e permaneci sozinho na Itália, como zelador do cemitério.

O Marechal escrevia-me sempre, lembrando que minha permanência seria de dois anos. Nenhum militar podia permanecer maior tempo no exterior. No entanto, graças à compreensão do Marechal, devido a um sério problema de saúde de uma filha, fui sendo nomeado seguidamente até completar um período de quinze anos.

V.O. – Como era a administração do cemitério?

ST PEREIRA – Eu era diretamente subordinado ao Cônsul de Florença, para fins de vencimentos e disciplina. Fiquei só e armado tão-somente com a minha fé, já que a missão era de caridade.

Havia quatro empregados italianos e com eles eu mantinha tudo limpo e organizado. Recebia visitas. Organizava cerimônias: no dia de Caxias, nas datas das batalhas e no dia dos mortos. Isto ocorreu durante muitos anos, até que o Cônsul julgou mais adequado haver somente no dia de Finados. Eu caprichava nessas cerimônias. Um oficial, que era adido militar na Inglaterra, deixou registrado no livro do cemitério: "a mais bela cerimônia militar que vi no exterior foi a organizada pelo Sargento Pereira".

OUROVIVO.
O INVESTIMENTO DE BOLSO DO BANCO DO BRASIL.

O Banco do Brasil tem uma nova opção de investimento para você: OuroVivo. É uma peça em ouro puro, com 5, 10 ou 20 gramas, que você só encontra nas agências do Banco do Brasil. E nem precisa ser cliente do Banco para comprar. OuroVivo acompanha a valorização do ouro. É um ativo financeiro real e seguro que vem com certificado de garantia do Banco do Brasil e do Banco Goldmine. Você compra para poupar, colecionar, presentear, levar para casa ou guardar como quiser. E, quando quiser, transforma OuroVivo em dinheiro vivo. É só não violar o lacre que envolve a peça e o certificado que o Banco do Brasil garante a recompra. No ato, sem medir nem pesar. OuroVivo. O investimento que cabe no bolso, vale ouro e é do Banco do Brasil.

OUROVIVO BANCO DO BRASIL

Governo do Brasil

Não morremos graças à instrução. Havia uma ordem: "primeiro tiro – entra no buraco; segundo tiro – fica no buraco; terceiro tiro – sai do buraco". Foi o que nos salvou. Ficamos rebocados de barro, mas vivos.

V.O. – Houve a transladação dos corpos para o Brasil em 1960. O senhor continuou em Pistóia?

ST PEREIRA – Sim. O Marechal autorizou que eu permanecesse mais algum tempo, a fim de submeter minha filha a uma nova intervenção cirúrgica. Eu só tinha condições de operá-la na Itália, pelo fato de perceber uma remuneração que propiciava arcar com os custos desse tratamento. Nesse período, com o maior respeito por aquele campo santo, fiz a terraplenagem do local, pois sabia que futuramente ali seria um marco brasileiro.

Logo depois voltei ao Brasil e deixei minha família lá, devido às condições de saúde da minha filha, que ainda necessitava de cirurgias. Como eu não tinha mais como arcar com estes gastos, o médico italiano operou-a de graça.

Passei para a reserva e voltei para a Itália no dia três de maio de 1963. Supervisionei as obras do monumento votivo, como assessor do Cônsul, e, desde sua inauguração, no dia oito de junho de 1966, fui designado GUARDIÃO DO MONUMENTO VOTIVO MILITAR BRASILEIRO, do que muito me orgulho.

V.O. – Hoje só tem o Monumento Votivo em Pistóia. Permaneceu algum corpo enterrado lá?

ST PEREIRA – Foram transladados todos os corpos que havia na ocasião. A exumação foi realizada por uma comissão especialmente designada, em 1960, chefiada pelo General Osvaldo de Araujo Mota.

Levaram dois meses trabalhando – exumando e acondicionando os restos mortais nas urnas. Foi um trabalho longo e delicado, realizado por gente especializada, que fora contratada na Itália. Saíram de lá no final de 1960, sob a responsabilidade do General Cordeiro de Farias.

No dia da inauguração do monumento, em 1966, um velhinho procurou-me para dizer que havia um pracinha enterrado em Montese. Esse soldado fora atingido e morrera no seu quintal. O velho, premido pela necessidade, pegou o relógio e os calçados do brasileiro e enterrou-o. Não comentara o fato antes por medo de ser preso por furto. Fazia-o então porque já haviam passado vinte anos e o "crime" prescrevera. Após investigar o fato por quase um ano, cheguei à conclusão de que era verdadeiro. Houve até um padre, que encomendara o corpo e ajudara a enterrá-lo. Realmente, encontramos os restos mortais bem onde o velhinho apontara: numa praça em Montese , aos pés de um pinheiro. Não houve condições de identificá-lo, mas seguramente, era brasileiro. Esses restos mortais foram enterrados junto à chama do Monumento Votivo, um ano após sua inauguração. É o único brasileiro que ainda está lá – parece que para marcar, significativamente, o sangue brasileiro derramado na luta pela liberdade.

V.O. – O senhor já falou de suas experiências no Exército. Fale-nos agora de sua família.

ST PEREIRA – Casei-me em 1946 e tenho três filhas e um filho. Todos são considerados brasileiros natos, porque nasceram quando eu estava em missão oficial no exterior.

V.O. – Sua família vem muito ao Brasil?

ST PEREIRA – Infelizmente não. Eu próprio, nesses 47 anos, somente vim quatro vezes. Uma de minhas filhas veio uma vez e meu filho também – para adotar uma criança brasileira.

V.O. – Como soldado brasileiro que combateu numa guerra, deixe uma mensagem para nosso soldado de hoje.

ST PEREIRA – No Dia da Bandeira, em 1991, tive a honra de assistir à solenidade no palanque oficial do senhor Presidente da República. De lá, eu admirava a nossa tropa. Que tropa! Que coisa extraordinária o enquadramento, a disciplina, o garbo, aquele estilo brasileiro mesmo!

Admiro muito o Exército Brasileiro. Vou dizer uma coisa: a alvorada de minha vida foi no dia dois de maio de 1938. Nessa data, saí da roça, no Rio Grande do Sul – muito me orgulho disso – para me apresentar como voluntário. Meu pai levou-me e, quando me deixou, disse para o comandante da guarda: **"Trouxe este menino aí para o senhor. Tome conta dele aí. Mete o pau. Ele está louco para servir ao Exército. Vai ver o que é o Exército..."** ■

Nossos heróis, sempre lembrados

MAIOR SEGURANÇA E PODER DE FOGO

ESPINGARDA DE REPETIÇÃO

Específica para o uso de forças policiais, a Espingarda de Repetição (Pump Action) CBC, Mod. 586 P, é indicada para situações em que confiabilidade e qualidade são fundamentais.

Proporciona alto poder de fogo, rapidez de tiro, maior capacidade e facilidade de acionamento, graças ao sistema de alimentação por ação deslizante.

Este tipo de arma vem sendo adotado pelas forças policiais de diversos países, com pleno êxito.

1 - Cano: 19" (483 mm)
Choke: cilíndrico
2 - Carregador tubular: com capacidade para 7 cartuchos 70 mm (2 3/4") ou 6 cartuchos 76 mm (3")
Calibre: 12
3 - Sistema de alimentação: por ação deslizante
4 - Dupla corrediça: facilita a ação deslizante de alimentação
5 - Câmara: 3"
Peso: 3,300 kg
Comprimento total: 39,5" (1.003 mm)
6 - Receptáculo e guarda-mato: em aço usinado
7 - Coronha: em imbuia envernizada
8 - Soleira: de borracha, amortecendo o recuo de tiro

CBC

COMPANHIA BRASILEIRA DE CARTUCHOS

Av. Industrial, 3330 - Cx. Postal 51 - Fone (011) 449-5600 - Fax (011) 454-6470
Telex (11) 44007 CBCA BR - CEP 09080 - Santo André - SP - Brasil

O sucesso da manobra terrestre

O apoio árabe foi fundamental

O MAJOR DE INFANTARIA ARTUR PINA MONTEIRO, DO EXÉRCITO PORTUGUÊS, ANALISA AS OPERAÇÕES REALIZADAS NO GOLFO PÉRSICO

PREPARAÇÃO DO CAMPO DE BATALHA – Definido o objetivo estratégico para a força multinacional, que visava expulsar Saddam Hussein do Kuwait e reduzir a ameaça que constituía o seu potencial militar, o planejamento da ação estratégica incluiu a prévia preparação do campo de batalha para o desencadeamento da ação militar terrestre. Os condicionamentos impostos ao desenvolvimento da ação militar eram basicamente dois:

– assumir reduzida percentagem de baixas; e

– não empregar, em hipótese alguma, armas nucleares.

Para a preparação do campo de batalha, a força aérea multinacional foi o fator a explorar, tendo sido estabelecidas cinco prioridades:

– destruir a rede de comando e controle de Saddam Hussein;

– neutralizar o sistema de radares e mísseis antiaéreos SAM, enquanto se flagelava a força aérea;

– destruir fábricas, depósitos e laboratórios, que apoiavam o exército iraquiano;

– destruir pistas de aterragem, portos, auto-estradas e pontes; e

– reduzir o potencial de combate iraquiano e humilhar sua tropa de elite: a Guarda Republicana.

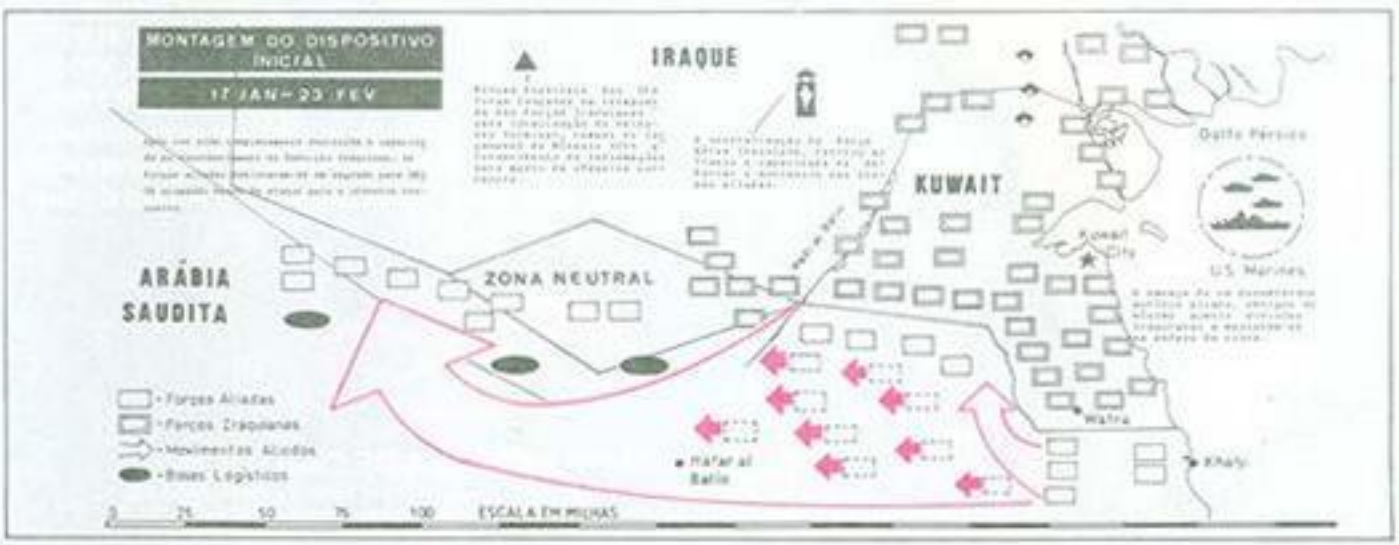
Perante a ausência de oposição aérea por parte do Iraque, foi possível à força multinacional obter facilmente a supremacia aérea, garantindo total liberdade de ação aos movimentos terrestres e impedindo o Iraque de colher informações sobre composição, localização e dispositivo das forças terrestres multinacionais.

O DISPOSITIVO INICIAL E AS OPÇÕES POSSÍVEIS – A disposição inicial da força multinacional concentrava as suas unidades frente ao dispositivo iraquiano, ao longo da fronteira Kuwait-Arábia Saudita, posicionando, na linha da frente, de Leste para Oeste: forças sauditas, 1ª e 2ª Divisões de Marines, forças árabes, 3ª Divisão Blindada dos EUA e força pan-árabe (egípcios e sírios).

À retaguarda destas forças, em zonas de reunião, dispunham-se, a Leste, o VII Corpo de Exército (CEx) dos EUA, constituído pelas 1ª Divisão de Infantaria, 1ª e 3ª Divisões Blindadas, 1ª Divisão de Cavalaria, 2º Regimento de Reconhecimento e, ainda, reforçado pela 1ª Divisão Blindada Britânica. O XVIII CEx dos EUA era constituído pela 82ª Divisão Aerotransportada, pela 101ª Divisão Aeromóvel, pela 24ª Divisão de Infantaria Mecanizada, pelo 3º Regimento de Reconhecimento e ainda, sob controle operacional, pela 6ª Divisão Blindada Francesa (Daguet).

Ao largo do Golfo, a pressão militar era mantida por artilharia e aviação naval e pela ameaça de desembarque de 17 000 fuzileiros.

A pressão dos bombardeios aéreos, atuando de linhas exteriores (a partir da Arábia Saudita, Diego Garcia, Turquia, Espanha e de porta-aviões) havia reduzido substancialmente o potencial terrestre iraquiano, com a destruição de 1 685 viaturas blindadas e 1 400 peças de artilharia, enquanto a força aérea estava neutralizada. O dispositivo inicial possibilitava ao comandante grande flexibilidade, permitindo-lhe desenvolver diversas manobras de dissimulação em relação à verdadeira idéia de manobra.



Aridez e calor do deserto: obstáculos a vencer

Bassora e a capital do Kuwait fossem demasiado extensas e os movimentos facilmente detectáveis e passíveis de serem retardados, exigindo um apoio logístico permanente e intenso, através de longas linhas de suprimento. Este apoio era particularmente sensível quanto a combustíveis e munições.

À primeira vista, o esforço do ataque parecia ser mais óbvio, segundo a direção Hafar Al Batin-Wadi Al Batin, por se apoiar no melhor eixo em direção à cidade do Kuwait; outra possibilidade indicava o esforço num desembarque anfíbio no litoral, por ser uma ação possível, em face da existência de supremacia aérea e naval nas proximidades da capital kuwaitiana, facilmente acessível através das praias do Golfo.

Qualquer destas ações implicaria assumir uma mais elevada percentagem de baixas e facilitaria a ação, por linhas interiores, do exército iraquiano, que dispunha das suas principais reservas (Guarda Republicana) em Bassora e na fronteira Kuwait/Iraque.

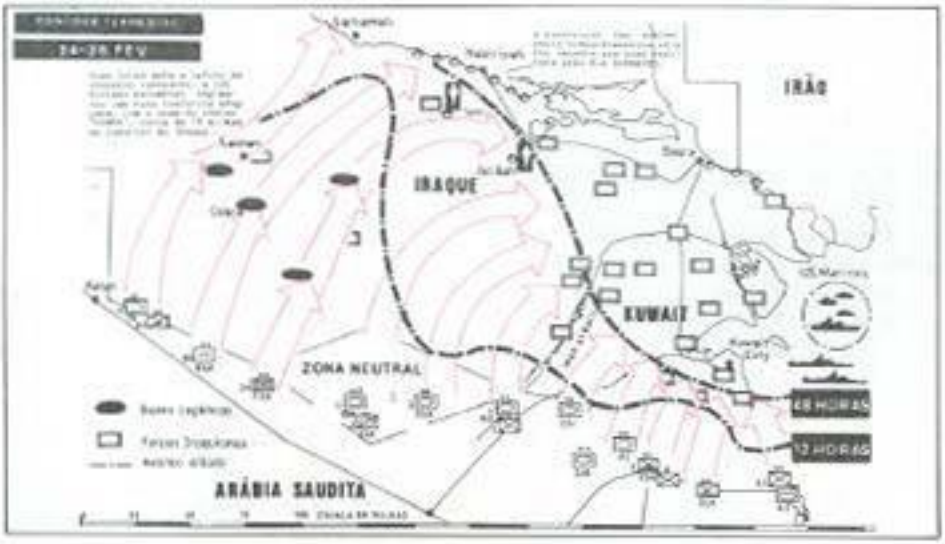
Esta vantagem, por parte do exército iraquiano, só poderia ser anulada por meio da conquista de uma posição central no interior do Iraque, que obrigasse ao empenho das principais forças de defesa, para impedir o reforço a "Kuwait City".

O esforço defensivo iraquiano concentrava-se no litoral e ao longo da fronteira Kuwait-Arábia Saudita. Nesta, a Oeste, o dispositivo existente não ultrapassaria o grau de resistência de vigilância. Talvez acreditassem que as distâncias a vencer para se atingir O terreno a Oeste apresenta restrições ao movimento de viaturas blindadas.

A análise da articulação das forças permite identificar que o XVIII CEx é basicamente constituído por forças com maior grau de mobilidade – aeromóvel, aerotransportada, infantaria mecanizada com VCI Bradley, e a Divisão Daguet, com carros de combate ligeiros AMX-10 –, carecendo de proteção e capacidade de choque. Sendo basicamente de infantaria mecanizada e ligeira, era um CEx mais adequado para uma missão orientada para a posse de terreno e para vencer grandes distâncias e obstáculos.

O VII CEx, constituído basicamente por três divisões blindadas, uma divisão de cavalaria e um regimento de reconhecimento, reunia, de forma equilibrada, todos os elementos essenciais ao combate – fogo, choque, proteção e movimento –, sendo, por isso, um CEx mais adequado para se lançar contra as forças blindadas do exército iraquiano.

Era claro que, das forças dispostas em primeira linha, as duas Divisões de Marines, atuando junto ao litoral, em sincronização com a força naval, materializavam a principal força disposta no primeiro escalão atacante, orientada para a cidade do Kuwait.



A CONCEPÇÃO DA MANOBRA – A idéia de manobra, que veio prevalecer, implicava um envolvimento largo a Oeste do Kuwait, com o objetivo de conquistar posições no Rio Eufrates (As Samawah e Nasiriyah), completando o cerco das forças no Kuwait, isolando-as da base de operações (Bagdá) e obrigando as forças iraquianas no Kuwait a combater em frentes invertidas.

O grande desafio que se colocava ao General Schwarzkopf consistia em fazer deslocar o volume de dois Corpos de Exército (cerca de 200 mil homens) para o Oeste, ao longo da estrada Hafar Al Batin – Rafha, durante cerca de 250 km, para reiniciar a progressão para o interior do Iraque. Este movimento teria que ser feito sem que Saddam Hussein se apercebesse e exigia a correspondente manobra logística, pesadíssima, com o condicionamento de não terem sido autorizados movimentos até dez dias antes da ofensiva.

Simultaneamente, Schwarzkopf planejou duas ações de dissimulação, uma com a 1ª Divisão de Cavalaria, avançando no corredor mais óbvio, Hafar Al Batin em direção à capital do Kuwait; e outra com os Marines simulando uma invasão anfíbia no litoral kuwaitiano.

A manobra global estava condicionada pelo sucesso que o movimento envolvente, a Oeste, executado pelo XVIII CEx iria obter, dependendo dessa surpresa, ou não, o eventual deslocamento para Oeste de cerca de dez divisões iraquianas, que poderiam inviabilizar essa manobra.

Para o caso de não se obter sucesso, existia um plano de contingência que previa o desembarque dos Marines, alterando-se a zona de esforço estratégico, mas sem dúvida, com uma percentagem de baixas mais elevada.

Tirando partido da mobilidade do XVIII CEx e da capacidade de choque do VII CEx e explorando os setores defensivos iraquianos mais fracos a Oeste, a manobra da força multinacional visava conquistar posições no interior do Iraque para impedir a retirada e destruir o potencial militar iraquiano no Kuwait.

Por outro lado, as forças árabes, apoiadas por Marines, tinham por objetivo conquistar a cidade do Kuwait, assumindo que as principais forças de reserva (Guarda Republicana) seriam empenhadas pelos XVIII e VII CEx.

O DESENROLAR DAS AÇÕES TERRESTRES – Foram

necessários cerca de seis meses para efetuar a concentração das forças julgadas adequadas para a coligação multinacional derrotar o exército iraquiano.

Uma vez adotado o dispositivo inicial e tomada a decisão política de se lançar a ofensiva terreste, teve lugar o que, em guerra clássica, se denomina MANOBRA. Assim, para colocar as forças da coligação em condições vantajosas para a última fase do conflito armado – A BATALHA – a zona de esforço estratégico foi definida em território iraquiano, a Oeste do Kuwait, tendo a manobra sido iniciada com as ações do XVIII CEx a Oeste, explorando o fator mobilidade, para vencer as grandes distâncias e garantir a surpresa, para atingir o Vale do Eufrates.

A manobra operacional deste CEx envolveu a segurança do flanco Oeste, por parte da Divisão DAGUET, e envolvimentos verticais sucessivos nas Regiões de As Salman Nasyrah para garantir o controle da estrada ao longo do Rio Eufrates. Estas ações, realizadas pela 101ª Divisão Aeromóvel dos EUA, permitiram não só a projeção rápida de força, mas também garantir o apoio logístico às forças mecanizadas, pelo lançamento de bases logísticas avançadas, garantindo o ritmo de progressão das forças no terreno, o que foi decisivo para impedir qualquer reação organizada por parte do Iraque.

O VII CEx, que materializava a força com maior grau de letalidade, estava orientada para "dialogar" com a força de elite iraquiana – a Guarda Republicana – atacando-a pelo Sul, após neutralizar a chamada reserva tática, no interior do Kuwait, para enfraquecer as posições da primeira linha defensiva e facilitar a penetração das forças a Leste, na direção da cidade do Kuwait.

AÇÕES TÁTICAS E RESULTADOS – A 6ª Divisão Blindada Francesa, em sincronização com uma brigada da 82ª Divisão Aerotransportada dos EUA, moveu-se rapidamente para Oeste. A 101ª Divisão Aeromóvel, em três vagas de helicópteros de assalto "Black Hawk", que voaram cerca de 170 milhas, sob chuva, estabeleceu uma cabeça-de-ponte aérea entre as cidades de As Samawh e Nasiriyah, onde facilmente controlou a auto-estrada nº 8, de seis faixas de rodagem, que ligava Bagdá a Bassora. A 24ª Divisão de Infantaria Mecanizada (24ª DIMec), penetrando profundamente em território iraquiano, efetuou, numa primeira fase, uma operação de junção com a 101ª Divisão, na cabeça-de-ponte aérea no Eufrates, enquanto uma brigada blindada francesa realizava uma flancoguarda a Oeste. Numa 2ª fase, a 24ª DIMec, apoiada por helicópteros de ataque, e forças blindadas do VII CEx, convergiram para Bassora, neutralizando as principais unidades da Guarda Republicana.

Completada a operação de cerco, a única forma de a Guarda Republicana se retirar era através da ponte da cidade de Nasiriyah, controlada por elementos da 101ª Divisão Aeromóvel, onde fora instalada uma cabeça-de-ponte aérea. Embora permitindo o controle da região, em virtude de sua vulnerabilidade em terra teria sido difícil resistir a um ataque dos blindados T-72 da Guarda Republicana.

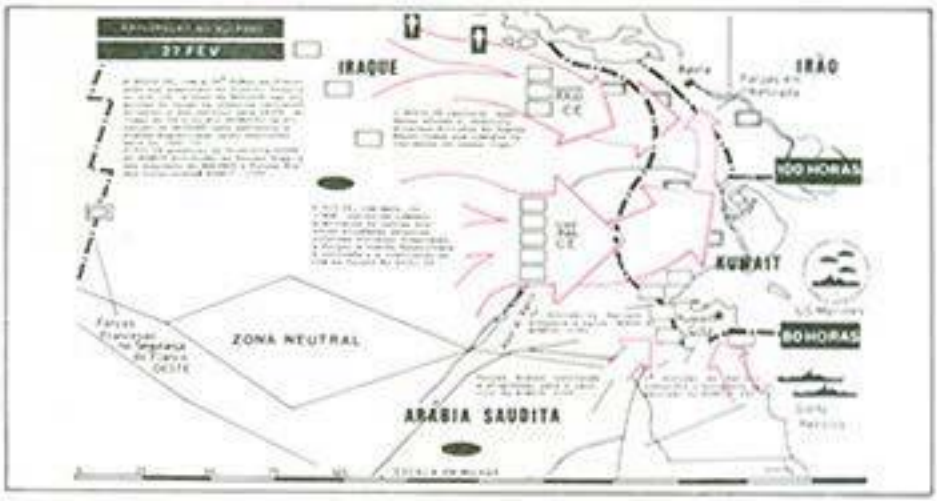
Tal não se verificou, porque a junção de forças com a 24ª DIMec se efetuou mais rapidamente do que seria de esperar, devido à excelência do apoio logístico e à fraca resistência iraquiana. Cabe ressaltar que a região da cabeça-de-ponte aérea obrigava a Guarda Republicana a deslocar-se cerca de 160 milhas para Oeste, ficando vulnerável à ação dos helicópteros de ataque "Apache", "Cobra" e aviões A-10.

Obtida a surpresa estratégica, as ações táticas resumiram-se a um aproveitamento do êxito.

Com o VII CEx penetrando na região central do Iraque e sincronizado com o XVIII CEx ao Norte, todo o dispositivo defensivo foi desbaratado, sendo impossível qualquer reação iraquiana organizada, em particular sobre a cidade de Kuwait, que foi conquistada por forças árabes, apoiadas pelas 1ª e 2ª Divisões de Marines norte-americanos.

O exército iraquiano estava derrotado ao fim de cem horas de ofensiva terrestre aliada, de nada tendo servido a Saddam Hussein ter ordenado o derrame de milhares de toneladas de petróleo nas águas do Golfo Pérsico, o incêndio dos poços de petróleo e a chantagem com reféns e prisioneiros de guerra.

Diante de alguns dados conhecidos, pode-se afirmar que as baixas sofridas pelas forças da coligação foram insignificantes (149 mortos, 231 feridos, 81 desaparecidos e cerca de 13 prisioneiros de guerra), enquanto que a destruição provocada no potencial iraquiano foi incomparavelmente superior, sendo de cerca de 100 000 baixas (mortos e feridos) e mais de 80 000 prisioneiros de guerra.



Resta assinalar, ainda, que a destruição de material e equipamento iraquiano foi significativa, tendo sido destruídos 1 685 carros de combate, pela força aérea, durante cerca de 37 dias, e 1 323 na ofensiva terrestre, durante as cem horas de combates, ficando um remanescente de 45% em relação ao potencial inicial. Quanto aos meios de artilharia, foram destruídas 1 400 peças na campanha aérea, 740 na ofensiva terrestre, restando cerca de 39%. Nos meios aéreos, foram destruídos sete helicópteros e 97 aviões, tendo 147 "fugido" para o Irã. A Força Aérea Iraquiana ficou reduzida a 51%, enquanto o número de helicópteros foi reduzido para 153. ■

N. da R. – Extrato do artigo contido na Revista Jornal do Exército, nº 378, de junho de 1991, do Exército Português. Autorizada a publicação, de acordo com o convênio internacional firmado na II Reunião de Editores Ibero-americanos.

CIÊNCIA E TECNOLOGIA

FOG-MPM
Missil guiado por fibra ótica

Foi com a pesquisa científico e o domínio da tecnologia de ponta que a Avibras desenvolveu o FOG-MPM - o primeiro missil guiado por fibra ótica do país - e o Sistema múltiplo de foguetes de artilharia Astros II - o mais versátil equipamento para saturação de área -, de eficiência comprovado em dois conflitos no Golfo Pérsico.

FOG-MPM e Astros II, dois produtos da Ciência e da Tecnologia, com a marca da qualidade

ASTROS II

AVIBRAS AEROESPACIAL

Antiga Estrada de Paraibuna, Km 115 - Caixa Postal 229
CEP 12225 - Tel: (012) 21-7433 - Telex (012) 3644/3645
Fax (123) 51-6706/91-6048 - São José dos Campos - SP - Brasil

Helicópteros na Amazônia

". . . A 120ª Companhia de Aviação não estava engajada nas missões de combate geralmente executadas por unidades deste tipo, tendo a seu cargo, em vez disto, o transporte administrativo do Quartel-General do Exército dos EUA. Contudo, o QG ordenou que quatro aparelhos do pelotão de helicópteros armados passassem à disposição do Quartel-General do Distrito Militar da capital, com a finalidade de proporcionar apoio de fogo às tropas terrestres dentro e em torno de Saigon. Uma equipe de fogo devia ficar em alerta de cinco minutos junto com a linha de aviões da Força Aérea na base de Tan Son Nhut, enquanto a outra ficaria em alerta de trinta minutos no comando do Pelotão de Helicópteros Armados, no heliporto da mesma base aérea. . ."

O texto acima, extraído do livro "Sete Combates no Vietnã", de John H. Cash, dá-nos uma idéia muito nítida da variada gama de missões e da flexibilidade de emprego de uma unidade de helicópteros. Propicia-nos, ainda, um exemplo marcante do judicioso aproveitamento de uma mesma instalação militar por duas forças singulares de uma mesma nação.

As considerações contidas neste trabalho são feitas num quadro em que visualizamos a possibilidade de conflito na região amazônica, seja na defesa externa, seja na defesa interna.

Assim, no momento em que se discutem os problemas da Amazônia Brasileira, com intenções nem sempre claras, e o Exército Brasileiro planeja a implantação da sua segunda unidade de helicópteros, na cidade de Manaus, nós, desejosos de contribuir, apresentamos as nossas idéias sem a pretensão de esgotar tão vasto assunto.

O espaço aéreo amazônico exige vigilância constante

O ESPAÇO AÉREO DA AMAZÔNIA – As condições climáticas e meteorológicas amazônicas podem trazer sérias restrições de tempo e espaço ao emprego dos meios aéreos. A presença, na faixa do paralelo do Equador, da Zona de Convergência Intertropical, separando as circulações gerais dos dois hemisférios, provoca diversos fenômenos meteorológicos específicos que, aliados às características ambientais de umidade e temperatura elevadas, necessitam de especial avaliação para a condução das operações aéreas.

A inexistência de locais de apoio à navegação aérea constitui séria dificuldade ao tráfego de aeronaves na região, agravando-se consideravelmente em caso de conflito. A ausência de equipamentos de controle do espaço aéreo (radares) na Amazônia é um grave problema de segurança militar, pois limita nossa capacidade de antecipação a uma ameaça aérea inimiga.

É, portanto, de fundamental interesse para a nossa Aviação que o Ministério do Exército participe da implementação de um sistema de controle do espaço aéreo, atuando, para isso, junto ao Ministério da Aeronáutica para a efetiva instalação de radares de vigilância e sistemas de auxílio à navegação aérea em toda a região amazônica.

MISSÃO – Na área operacional da Amazônia, a missão de um Batalhão de Helicópteros de Selva (B Helcp Sl) é: "encontrar, fixar e destruir o inimigo pelo fogo e movimento; fornecer apoio ao combate; e proporcionar meios aéreos para ações de apoio administrativo".

Evidentemente, esta Unidade Aérea (U Ae) cumprirá, com absoluta prioridade, missões como peça de manobra, realizando operações de ataque, reconhecimento e segurança, assalto aeromóvel, combate ar-ar e outras operações aéreas especiais.

No entanto, sua grande característica é a **flexibilidade**, que lhe permite atuar, seja como unidade de apoio ao combate, seja fornecendo meios para ações de apoio administrativo. Daí, ousarmos afirmar que, mesmo com prioridade menor, as missões de apoio serão as que terão maior freqüência dentre as determinadas ao B Helcp Sl. Estas darão o suporte necessário à

Na clareira, a vantagem do pouso e decolagem verticais

permanência da Força Terrestre em operações na Amazônia.

EMPREGO – O emprego do Batalhão de Helicópteros de Selva deve ser entendido como o de uma peça de manobra que possui características de grande flexibilidade, poder de fogo e capacidade de manobra.

Estas características, aliadas ao fato desta U Ae ser dotada de material de custo elevadíssimo e pessoal altamente especializado e de difícil recompletamento, nos levam a pensar no seu máximo aproveitamento. Assim, o B Helcp Sl, em princípio, não deve ser mantido em reserva, pois estaria ocioso e subempregado, em face de suas múltiplas possibilidades.

Ao ser entregue pelo Exército de Campanha a uma Divisão de Exército (DE) ou Brigada (Bda), deverá sê-lo na situação de integração ou reforço, respectivamente.

Por sua vez, a DE ou a Bda poderão destacar subunidades (SU) do B Helcp Sl, sob controle operacional de seus elementos subordinados, para emprego como elemento de manobra.

Esta descentralização, no entanto, deverá ser coerente com o estudo de situação do Comandante do B Helcp Sl, que avaliará sua capacidade de apoio logístico à operação.

Quando empregado como elemento de apoio ao combate ou fornecendo meios aéreos para as ações de apoio administrativo, o B Helcp Sl deverá ser mantido na situação de apoio ao conjunto, se estiver operando em proveito da força como um todo, ou em apoio direto, se apoiar uma única unidade.

A coordenação do uso do espaço aéreo é fundamental no moderno campo da batalha e deve ser exercida pelo menor escalão capaz de controlar as operações aéreas.

Durante as operações na Amazônia poderemos ter Brigadas operando isoladamente. Por ocasião da execução de operações conjuntas haverá necessidade de que estas Grandes Unidades possuam um Centro de Operações Táticas, por meio do qual deverão estabelecer a coordenação com o Sistema de Operações Ar-Terra e o Sistema de Controle Aerotático da Força Aérea.

É importante ressaltar que a Força Aérea será a responsável pelo controle do espaço aéreo, possibilitado pelos seus sistemas de radares.

ESTRUTURA ORGANIZACIONAL – São as seguintes as premissas básicas para a estrutura organizacional de um B Helcp para emprego na Amazônia:

– deve possuir uma estrutura organizacional que seja leve para lhe permitir alto grau de mobilidade, e que lhe confira auto-suficiência a fim de que possa operar com os próprios meios a partir de bases no interior da selva ou ao longo dos eixos fluviais;

– deve possuir helicópteros com capacidade de carga útil em torno de 10t (Helcp Médio) para executar operações aéreas de apoio administrativo, em proveito da GU que apóia, ou para sua própria necessidade.

– deve ser dotado de aeronaves de asa fixa, que executem o transporte do suprimento necessário à manutenção da operacionalidade da U Ae, em face do afastamento dos centros de desenvolvimento tecnológico, das unidades de manutenção de 3º escalão e do parque de manutenção. Estas aeronaves executarão o transporte de todo o suprimento vindo das demais regiões do País para a Amazônia e, ainda, o deslocamento desse suprimento para as bases de apoio, onde o B Helcp Sl ou suas SU estiverem operando.

– deve ter, no mínimo, um pelotão especificamente equipado e adestrado para as missões de evacuação aeromédica (EvAem), uma atividade relevante em qualquer operação militar, e que avulta sobremaneira em operações na selva;

– deve ter condições de operar, com os próprios meios, Bases de Operações (B Op) ou Bases de Combate (B Cmb), mobiliando-as com controladores de tráfego, meteorologistas e outros especialistas de terra para a necessária segurança de vôo às operações aéreas;

– deve possuir equipes para operar dispositivos eletrônicos de auxílio à navegação, como radiofaróis, sistemas de aproximação e indicadores visuais de rampa para emprego nas B Op ou B Cmb; e

– as frações de Helcp de reconhecimento e ataque devem estar equipadas com armamento adequado para prestar o necessário apoio de fogo às forças terrestres e ainda ter a possibilidade de cumprir missões de combate helicóptero-helicóptero.

ORGANIZAÇÃO – A estrutura organizacional do B Helcp Sl permite uma grande flexibilidade no cumprimento de suas missões. Ao constituí-lo em SU com diferentes destinações, utilizando aeronaves com características específicas para cada missão, estamos visando ao maior rendimento operacional da U Ae.

"Pantera": segurança, poténcia, capacidade de carga e autonomia de vôo

A Seção de Administração da Base de Aviação terá encargos de assessoria, como fiscalização administrativa, e encargos de execução da administração patrimonial e de serviços gerais. Isto visa aliviar destes pesados encargos o comando da U Ae.

A Companhia de Helicópteros de Reconhecimento e Ataque será organizada em uma Seção de Comando, dois Pelotões de Ataque e um Pelotão de Reconhecimento.

Esta estrutura assegura ao Comandante da Companhia uma grande flexibilidade de organização, permitindo compor pelotões com Helcp de ambas as destinações ou não.

A Companhia de Helicópteros de Manobra, cuja destinação principal é proporcionar aeromobilidade à tropa terrestre, possibilitando prioritariamente a execução das operações de assalto aeromóvel, será organizada em Seção de Comando e três Pelotões de Manobra, dotados de Helcp capazes de conduzir uma Companhia de Fuzileiros de Selva em uma só vaga.

8.512.000

Oito milhões, quinhentos e doze mil quilômetros quadrados: este é o incrível tamanho do território que o futuro helicóptero de transporte pesado do Exército Brasileiro terá que dominar, com tranquilidade, todos os dias.

Com o máximo de autonomia. O máximo de carga. O máximo de segurança. E o mínimo de custos de operação.

Não há no mundo helicóptero mais qualificado para esta missão-desafio do que o Cougar*.

O Cougar acomoda 25 homens na sua cabine quase 50% mais espaçosa que a do seu mais próximo concorrente. Voa 1.100 milhas naúticas sem precisar reabastecer. Ou carrega no gancho uma carga de até 4,5 toneladas.

Quando equipado com dois canhões de 20 mm em casulo ou com lançadores de foguetes, o Cougar impõe respeito e sabe se defender e até atacar se for preciso.

Além de poder fazer isso tudo - e muito mais - o Cougar tem outro trunfo: a assistência técnica dada no Brasil pela Helibras, o parceiro brasileiro da Eurocopter.

E os mais exigentes clientes da Eurocopter assinam embaixo. O Cougar, já voando a serviço do Brasil.

Para saber tudo sobre as vantagens do Cougar, ligue para o Diretor Comercial da Helibras, fone: (035) 622 - 3366 / fax: (035) 622 - 3151 / Rua Santos Dumont, 200 / Distrito Industrial / Caixa Postal 184 / 37500 Itajubá, MG.

*Cougar é o nome militar do Super Puma.

Cougar. By Eurocopter.

eurocopter

A Companhia de Emprego Geral é, sem dúvida, a que garantirá a plenitude da nossa concepção de emprego. Será organizada em Seção de Comando, Pelotão de Evacuação Aeromédica, dois Pelotões de Emprego Geral e Pelotão de Transporte Aéreo.

Os Pelotões de Emprego Geral serão dotados de Helcp médios, que assegurarão o suporte logístico do próprio B Helcp Sl, de parte da GU apoiada e apoiarão as operações de assalto aeromóvel.

As aeronaves de asa fixa do Pelotão de Transporte Aéreo, uma necessidade para os espaços continentais da Amazônia, garantirão o fluxo de suprimento necessário à "logística de aviação".

O Pelotão de Evacuação Aeromédica, dotado de Helcp ambulância, atenderá à necessidade de economia de meios e proporcionará um elevado retorno operacional pela conseqüente elevação do moral da tropa e pela sensível diminuição do número de perdas fatais em ambiente de selva tropical.

A Companhia de Manutenção e Suprimento será organizada em Seção de Comando, Pelotão de Suprimento e Evacuação, Pelotão Leve de Manutenção, Pelotão Pesado de Manutenção e Pelotão de Aviônicos. Tem importância relevante na disponibilidade dos meios aéreos do B Helcp Sl. O Pelotão Leve de Manutenção poderá ter equipes destacadas para o apoio às SU e deverá ser apoiado, nesta oportunidade, por Helcp médios da Companhia de Emprego Geral.

O Pelotão de Suprimento e Evacuação deve ser dotado de Helcp médios. Isto permitirá o resgate de Helcp, que tenham realizado pousos de emergência e também o transporte de suprimentos em apoio às equipes do Pelotão Leve de Manutenção, que operam nas B Cmb das SU do Btl.

A Companhia de Comando e Serviços tem as missões clássicas de uma SU desta natureza e será organizada em Seção de Comando, Pelotão de Comando, Pelotão de Saúde, Pelotão de Administração, Pelotão de Guarda e Pelotão de Segurança e Controle.

O Pelotão de Segurança e Controle tem como missão operar aeródromos de campanha e apoiar, com instalações de tráfego aéreo, as operações de vôo nas B Op, B Cmb e outros locais necessários. É importante, portanto, que seja dotado de equipamentos de auxílio à navegação aérea de campanha, tais como: radares de vigilância, radiofaróis não direcionais, indicadores eletrônicos de rampa, sistemas de luzes de balizamento, estações meteorológicas de superfície e equipamentos receptores e transmissores de UHF e SSB.

O indispensável controle de terra

LOGÍSTICA – A logística de aviação é complexa e muito especializada. No entanto, não deve ser enfocada como um problema, mas como a solução para o máximo rendimento de nossas aeronaves. Devemos ter consciência da capital importância da manutenção e do suprimento para o emprego de uma U Ae, e que estas atividades podem vir a limitar a operacionalidade. Temos, portanto, convicção de que, havendo suprimento, ferramental adequado, recursos disponíveis e pessoal qualificado – fatores passíveis de planejamento antecipado –, todas as inspeções periódicas ou panes de aeronaves podem ser solucionadas.

A manutenção está estruturada, na Aviação do Exército (Av Ex), em três escalões: 1º escalão – Orgânica – executada pelas SU nas B Cmb; 2º escalão – Campanha – executada pela SU Mnt Sup nas B Op; e 3º escalão – Retaguarda – executada no Parque de Manutenção, nas instalações fixas na área de retaguarda.

O suprimento e o transporte são também atividades importantes, que estão equacionadas na estrutura organizacional do B Helcp Sl pela existência dos meios aéreos da Companhia de Emprego Geral e pelas frações da Companhia de Manutenção e Suprimento.

Durante as operações poderá ser necessário desdobrar Postos de Suprimento Avançados para atender, principalmente, ao fluxo de suprimento de combustível, armamento e munição. O desdobramento destes postos aumenta consideravelmente o raio de ação da U Ae e permite aplicar uma pressão contínua sobre o inimigo.

O VÔO NA AMAZÔNIA – O vôo de helicóptero na Amazônia, mesmo em situação de paz, requer um planejamento cuidadoso da navegação aérea e exige da tripulação total conhecimento técnico da aeronave.

Em combate, a navegação será normalmente por contato, utilizando o vôo a baixa altura, o vôo de contorno ou o vôo desenfiado, para fugir à detecção pelos meios visuais, óticos e eletrônicos do inimigo.

As condições ambientais – elevada temperatura e umidade – condicionam sobremaneira a operação dos helicópteros. Assim, missões de combate em áreas restritas, onde normalmente as aeronaves operam nos seus limites de performance, requerem elevado grau de adestramento das tripulações, principalmente nas fases críticas da aproximação, do pouso e da decolagem.

Alguns cuidados especiais com equipamentos, materiais e combustíveis de aviação são necessários para a execução do vôo em ambiente de selva. Especial atenção deve ser dedicada aos combustíveis, óleos e lubrificantes, pois, uma vez contaminados, serão sérias ameaças à segurança do vôo.

Destacamos, ainda, a importância do fator humano para o sucesso das operações aéreas de combate. Os aspectos psicológicos e fisiológicos de cada tripulante devem ser considerados e trabalhados. Uma tripulação é uma equipe cujo desempenho e sobrevivência dependem do comportamento e da competência funcional de cada um.

O "heliporto" no igarapé

Um combatente para integrar o B Helcp na Amazônia deverá ser adestrado nas técnicas individuais do combate em selva, independentemente de função, posto ou graduação, para que haja uma total integração entre o homem, a máquina e o meio.

CONCLUSÃO – As características do combate em áreas da selva amazônica – com frentes indefinidas, grandes espaços vazios, flancos expostos, carências de meios, escassez de vias de transporte, predominância de operações fluviais e ribeirinhas e obstáculos de vulto – exigem de uma unidade aérea flexibilidade de organização e eficiência no emprego dos meios.

Ao concluirmos o presente trabalho, não poderíamos deixar de fazer uma consideração no que diz respeito às necessidades cotidianas do Comando Militar da Amazônia. Referimo-nos à proposta de instalação, a curto prazo, de um núcleo do B Helcp Sl em Manaus.

Ao analisarmos o atual dispositivo das OM do CMA, concluímos que as unidades disseminadas por toda a região, principalmente ao longo do imenso arco fronteiriço, atendem principalmente aos objetivos nacionais de ocupação e desenvolvimento da área, com reflexos diretos na segurança nacional.

O crescente interesse internacional na região, a existência de graves problemas sociais e fundiários na área, a constante ação de narcotraficantes internacionais e, atualmente, as agressivas e criminosas incursões de grupos guerrilheiros estrangeiros ao longo de nossas fronteiras tornam o CMA extremamente dependente do apoio de helicópteros que, sem dúvida, aumentariam em muito sua mobilidade e capacidade de pronta resposta.

Para atender às necessidades acima, apresentamos idéias que consideramos básicas para a instalação do B Helcp Sl, a curto prazo:

– o atual estágio de implantação da Av Ex e a situação econômica do País não permitem, a curto prazo, a montagem da estrutura completa, ideal e necessária, apresentada neste trabalho;

– o custo da construção de instalações específicas e da aquisição de equipamentos de apoio, como está sendo feito em Taubaté, é muito elevado;

– a possibilidade de transferir do 1º B Helcp (Taubaté-SP) para Manaus, uma Companhia de Helicópteros de Manobra completa, com todo seu pessoal e material, é factível;

– a possibilidade da utilização imediata, mediante coordenação com o Estado-Maior da Aeronáutica, de parte da área do antigo aeroporto internacional de Manaus, hoje Base Aérea da Ponta Pelada, para basear nossas aeronaves, minimizando custos de obras e equipamentos, merece ser analisada;

– o B Helcp Sl seria ativado com o mínimo efetivo necessário à sua operação, devendo contar apenas com um Comando, um Estado-Maior, uma Seção Administrativa, uma Companhia de Comando e Serviços, uma Companhia de Manutenção e Suprimento (com Núcleos dos vários Pel), uma Companhia de Manobra (a dois Pel – 12 Helcp) e uma Companhia de Emprego Geral (somente o Pel Ev Aem – 4 Helcp);

– a utilização de apenas um tipo de helicóptero no Btl, o HM–1 (SA 365 K – Pantera), que, por ser uma aeronave bi-reatora, proporciona maior segurança, reserva de potência, capacidade de carga e autonomia para o vôo sobre a selva e, ainda, simplifica a logística de aviação; e

– o estabelecimento de parâmetros adequados às nossas necessidades em aeronaves e às operações aéreas só ocorrerá após obtermos experiência real de vôo, como U Ae, na Amazônia.

Não temos dúvida da importância da instalação do B Helcp Sl na Amazônia e da viabilidade de fazê-lo a custos muito baixos, principalmente considerando-se o já investido em aeronaves e equipamentos e os benefícios que trará ao CMA.

Para evidenciar a necessidade premente de implantação do núcleo do B Helcp Sl, deixamos à apreciação do leitor o episódio da Serra do Traíra, ocorrido em 26 de fevereiro de 1991, quando um grupo guerrilheiro colombiano atacou um destacamento do Exército Brasileiro, em território nacional, matando três dos nossos soldados e ferindo outros nove.

Por via fluvial, o destacamento dista três dias de viagem de sua sede: o Comando Fronteira Solimões/8º BIS, em Tabatinga-AM. Utilizando helicópteros do tipo HM–1 (Pantera), disponíveis hoje na Av Ex, esta ligação pode ser feita em apenas uma hora e trinta minutos de vôo.

Portanto, negar àquele Grande Comando esse eficaz meio aéreo (de combate, de apoio ao combate e de apoio administrativo), utilizando-se de argumentos embasados nas possíveis dificuldades logísticas e nos custos dessa implantação é, no mínimo, depreciar a nossa criatividade e a capacidade de planejamento administrativo e operacional da Força Terrestre.

> ***"Árdua é a missão de desenvolver e defender a Amazônia. Muito mais difícil, porém, foi a de nossos antepassados em conquistá-la e mantê-la".***
>
> ***Gen Ex Rodrigo Otávio Jordão Ramos***

O presente artigo condensado foi redigido pelo Maj Inf QEMA RICARDO FELIPPE ALBRECHT PAVANELO, cumprindo obrigação curricular da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. Não expressa, necessariamente, a opinião da Força.

... mais uma missão se inicia

Tiradentes - Ideal e Sacrifício

NO TRANSCURSO DO SEGUNDO CENTENÁRIO DA MORTE DE TIRADENTES, O EXÉRCITO REVERENCIA O ILUSTRE MILITAR E PATRONO CÍVICO DA NAÇÃO BRASILEIRA, RESSALTANDO OS IDEAIS DE LIBERDADE DO INESQUECÍVEL MÁRTIR.

Corria o ano de 1792. Na penumbra do pequeno calabouço, silencioso e frio, um homem sereno espera seu fim. É véspera de sua execução. Joaquim José da Silva Xavier será enforcado na manhã do sábado, dia 21 de abril; fora o único, entre os onze presos, a receber a sentença infamante.

Numa atitude destemida e coerente com seus princípios, procurou, no momento angustiante, isentar seus companheiros de conspiração, responsabilizando-se por tudo e desculpando-se do mal que lhes fizera. Recluso, emudeceu para não ferir ninguém, nem macular seus ideais.

Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, albergara em seus sonhos uma nova destinação para sua terra: que ela fosse forte, independente, justa e republicana. Empolgou-se com os ideais de liberdade do cidadão, do comércio e do ensino. Pregou, em alto e bom som, aberta e destemidamente, tudo o que lera e ouvira. Foi o arauto sem medo, o homem simples e sonhador, o mineiro mais brasileiro de sua terra, o viajor incansável e o arrojado pregador da boa nova.

Palmilhando as vastas regiões das Minas Gerais e do Rio de Janeiro, sondando opiniões, cativando o público, angariando amigos e escolhendo adeptos, foi o condutor de um sonho, que poderia ter dado certo. Alcançou, com sua fala, as mentes dos indecisos, canalizando apoios e disciplinando certas atitudes. Não se fez líder para conduzir na primeira linha: foi a voz que acordou consciências, antes reprimidas por pesadas leis alienígenas. Porém, crente na vitória de sua causa, esqueceu os manipuladores da aleivosia. Traído, não se fez vingativo; procurado, continuou sua pregação de liberdade; preso, foi um exemplo de homem livre.

Condenado à sentença cruel, preparou-se, no silêncio de seus segredos, para trilhar o caminho de sua redenção. Rígido em seus princípios, por formação militar, crente e humilde, por formação cristã, não receou nas suas determinações. Foi fiel nas atitudes e nos gestos, na pregação oratória e no silêncio obstinado. Somente falara consigo mesmo.

Tiradentes: militar idealista

Naquele sábado, a caminho do patíbulo armado à rua da Lampadosa, cercado de padres rezadores, ouvindo os sinos da Igreja do Carmo e trajando camisolão branco e capuz, levava, entre as mãos amarradas, o seu crucifixo de fé.

Caminhou indiferente à multidão de curiosos e à determinação de seus executores. Sublimou-se ante a tirania das leis impiedosas, defendendo a liberdade daqueles que, sem nenhum entendimento pelo seu magnânimo gesto ou pela sua heróica atitude de progresso e libertação, o viam passar em direção à morte. Nos seus passos resolutos, na alva que o caracterizava criminoso, nas mãos presas, embora livres pelo crucifixo da fé, caminhava para a glória. Fez a história pelo exemplo.

Mineiro da Vila de São João Del-Rei, nascido em 1746 foi, desde cedo, um andarilho das estradas, matas e serras das Minas Gerais e Rio de Janeiro. Como caixeiro-viajante tornou-se conhecido em muitos lugares distantes, pequenas vilas e cidades. Aos 19 anos alistou-se, já como Alferes, no novo Regimento de Cavalaria, trazendo consigo o conhecimento da escola da vida. Era um homem forte, idealista, curioso e humanitário. Serviu em várias regiões de Minas Gerais e no Rio de Janeiro, abrindo estradas, registrando minas, descobrindo nascentes e pedreiras, delimitando áreas lindeiras, guarnecendo regiões de segurança, elaborando projetos, curando pela fitoterapia e usando seus conhecimentos de "dentista". Ao ouvir os primeiros clarins de independência, soados ainda de maneira temerosa, e ao ler as notícias de terras diferentes e de homens afoitos, alistou-se nas fileiras dos ousados; dos que desejavam ser livres. Seu envolvimento com a sublevação que se tentava preparar, o arrebatara de maneira decisiva e forte, tornando-se, entre padres, comerciantes, médicos, militares, magistrados, fazendeiros e gente simples, um arauto audaz. Com o plano fracassado, a devassa o levou à prisão e à condenação.

O primeiro reconhecimento oficial em relação aos inconfidentes ocorreu em 1832, ainda no Império, quando, por determinação da Regência Trina, tendo à frente o General Francisco de Lima e Silva, foram restituídos os bens seqüestrados "a quem houver de pertencer". Em 1867, quando era Presidente de Minas Gerais o Conselheiro Joaquim Saldanha Marinho, ocorreu a primeira manifestação pública oficial, ao ser erigido um monumento aos inconfidentes, em Ouro Preto. Dois meses depois de proclamada a República, um Decreto do Marechal Manoel Deodoro da Fonseca determinava que o dia 21 de abril fosse consagrado à comemoração dos precurssores da Independência, na pessoa-símbolo de Tiradentes. Finalmente, pela Lei nº 4897, de 9 de dezembro de 1965, o Presidente Marechal Humberto de Alencar Castello Branco declarava **JOAQUIM JOSÉ DA SILVA XAVIER, o TIRADENTES,** Patrono Cívico da Nação Brasileira.

Artigo redigido pelo Gen R1 Alberto Martins da Silva, membro do IGHMB e IHGB. ■

AO EXÉRCITO BRASILEIRO,
DE TÃO VENERANDAS TRADIÇÕES, PRESTAMOS NOSSA HOMENAGEM E SENTIMO-NOS EXTREMAMENTE GRATIFICADOS E ORGULHOSOS EM PODERMOS COLABORAR, COM NOSSOS PRODUTOS, NA PADRONIZAÇÃO DOS SEUS UNIFORMES.
RUA JAMIL JOÃO JAPUR 120
GUARULHOS - SP - BRASIL
FONE: 011 - 208-9422
FAX: 011 - 940-1083
Lanifício Santo Amaro SA.

Estandartes históricos

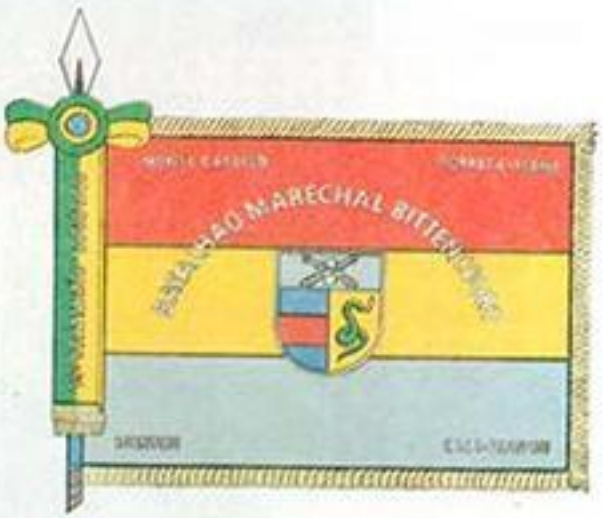
FONTE DE EMULAÇÃO, REPRESENTAM A VIDA DA UNIDADE E SEUS PATRONOS

BATALHÃO RONDON - 8º BATALHÃO DE ENGENHARIA DE CONSTRUÇÃO

"Forma retangular, tipo bandeira universal, campo de azul-turquesa, cor representativa da Arma de Engenharia. Em brocante e em abismo, um escudo peninsular português, filetado de ouro, chefe de azul-turquesa, carregado com um castelo de ouro, distintivo da Arma de Engenharia, tendo na base o número 5 (cinco) de prata, relembrando sua unidade de origem. Campo inferior do escudo, de prata com a Cruz de Santo André de vermelho arrematada de ouro, simbolizando abnegação, humildade e sacrifício, carregada com a Rosa dos Ventos com quatro setas de azul-turquesa, simbolizando ação em todas as direções, e sobre o todo uma lucerna de ouro flamejante de amarelo, simbolizando fé viva e sabedoria, tudo evocando os feitos do pioneiro Marechal Rondon. Encimando o conjunto, a denominação histórica "BATALHÃO RONDON" em arco e em prata. Laço militar com as cores nacionais, tendo inscrito, em caracteres em ouro, a designação militar: 8º B E Cnst".

BATALHÃO MARECHAL BITENCOURT - 19º BATALHÃO LOGÍSTICO

"Forma retangular, tipo bandeira universal, campo terciado em faixas: a superior de vermelho, a central de amarelo e a inferior de cinza-aço, representando, respectivamente, os Serviços de Saúde e Intendência e o Material Bélico. Em brocante e em abismo, um escudo peninsular português, filetado de prata, partido abaixo do chefe: o primeiro, terciado em faixas de azul-celeste e vermelho, as cores do Exército Brasileiro; o segundo, de amarelo, carregado com uma cobra de verde, fumando um cachimbo de vermelho e fumaça de prata, símbolo da Força Expedicionária Brasileira, que sintetiza os gloriosos feitos dos elementos formadores da Unidade nos campos da Itália. Chefe em cinza-aço, carregado com o símbolo da Logística, de prata. Encimando o escudo, a inscrição: "Batalhão Marechal Bitencourt", em arco e caracteres de prata; nos cantões destro e sinistro do chefe: as divisas "Monte Castelo", "Porreta-Terme", "Montese" e "Casa-Franchi", tudo de prata, alusivas dos combates da 2ª Grande Guerra em que a União participou.



Franja de ouro em toda a volta do campo. Laço militar com as cores nacionais, tendo inscrito, em caracteres de ouro, a designação militar: 19º Batalhão Logístico". ■

HERING WORLD T-SHIRT.

Hering WORLD T-SHIRT

Agora é aqui

A CONFERÊNCIA DOS EXÉRCITOS AMERICANOS SERÁ REALIZADA NO BRASIL, NO BIÊNIO 92/93. O EXÉRCITO BRASILEIRO, MEMBRO E ANFITRIÃO DA XX CONFERÊNCIA, PREPARA-SE, COM DEDICAÇÃO E AFINCO, PARA O GRANDE EVENTO DE INTEGRAÇÃO CONTINENTAL INTERAMERICANA.

1992-1993

XX CONFERÊNCIA DOS EXÉRCITOS AMERICANOS

SECRETARIA EXECUTIVA PERMANENTE

Imbuído do propósito de aceitar o honroso convite para sediar a XX Conferência dos Exércitos Americanos (CEA), o Exército Brasileiro empreendeu criteriosos estudos e análises dos ônus decorrentes de seu funcionamento em nosso País, bem como das vantagens de sua realização, que foram submetidas à apreciação do Ministro do Exército e, posteriormente, à consideração do Presidente da República, que aprovou a aceitação do convite.

Em novembro de 1991, durante a XIX Conferência de Comandantes, realizada nos Estados Unidos da América, o Exército Brasileiro foi aceito, por unanimidade, como anfitrião da Conferência, a vigésima desde sua instituição, em 1960.

A CEA tem por finalidade alcançar uma estreita cooperação entre os exércitos dos países membros, para o estudo conjunto dos problemas de interesse comum, nos limites do continente americano. Busca ainda garantir a segurança e a defesa continentais, contribuindo para o progresso social, econômico e cultural dos povos, de acordo com a orientação dos respectivos governos. Trata-se de um foro de forças armadas terrestres, que visa promover a integração, melhorar a segurança e fortalecer os laços de amizade interamericana.

A CEA compreende um ciclo de Conferências Especializadas e uma Conferência de Comandantes. Cada ciclo tem a duração de dois anos e é sediado em um dos países membros.

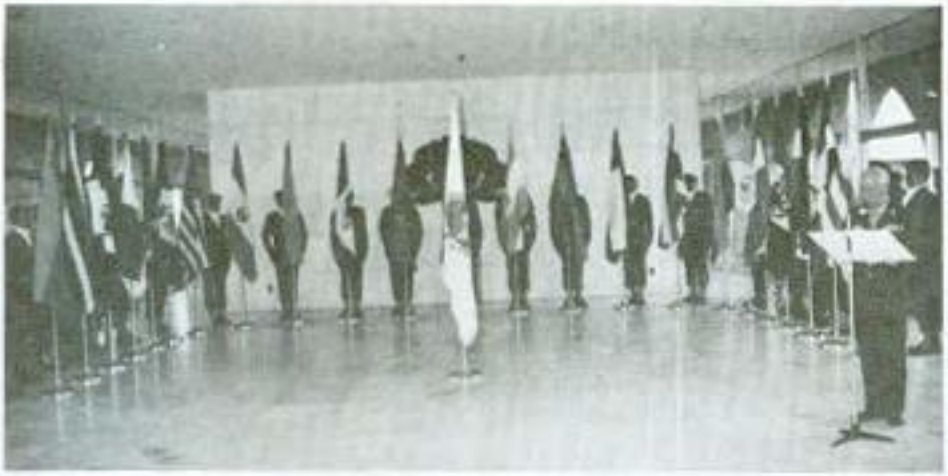
Até a presente data, sediaram as diferentes CEA: a Argentina (duas vezes), o Chile, a Colômbia, os EUA (oito vezes), a Guatemala, a Nicarágua, o Peru, o Uruguai, a Venezuela (duas vezes), e o Brasil, onde, em 1968, ocorreu a VIII Conferência, no período de 23 a 28 de setembro.

A Conferência, que não era periódica, passou, a partir de 1973, a ser bienal. As características atuais (Conferências Especializadas durante os dois anos, com a de Comandantes ao final), só vieram a partir de 1983, com a criação de uma Secretaria Executiva Permanente (SEP).

As Conferências Especializadas são reuniões nas quais se discute, dentro da finalidade geral da CEA, assuntos específicos e técnicos de interesse comum aos exércitos americanos. Elas são realizadas sob a coordenação do exército anfitrião.

A Conferência de Comandantes é o ponto culminante da CEA. A ela comparecem os comandantes ou chefes de Estado-Maior dos exércitos membros, representantes dos exércitos observadores, da Junta Interamericana de Defesa (JID), da Comissão Permanente do Conselho de Defesa Centro-Americano (COPECODECA), da Marinha e da Força Aérea do país anfitrião.

Em 16 de março, Secretários Executivos da XX e da XIX CEA trocam seus pavilhões



Os pavilhões dos países membros durante a abertura da XX CEA, em 16 de março

Nela são ratificadas as propostas formuladas durante as Conferências Especializadas, elaborando-se os acordos finais. É também discutido o tema obrigatorio da CEA – que durante os dois anos foi estudado pelos exércitos membros; na XX CEA será abordado: **Os Exércitos Americanos diante da Situação Mundial.**

ORGANIZAÇÃO DA CONFERÊNCIA

1. **Presidente**

– Comandante ou Chefe do Estado-Maior do exército anfitrião. Na atual CEA e o chefe do EME;

2. **Secretário-Geral**

– Oficial-general designado pelo comandante do exército anfitrião. É o 5º Subchefe do EME;

3. **Secretaria Executiva Permanente (SEP)**

– Órgão implantado pelo exército anfitrião, com a finalidade de tornar operacionais as atividades necessárias à realização da CEA. No caso do Brasil, foi organizada pelo EME e está funcionando desde o dia 9 de março, ocupando instalações cedidas pela Secretaria de Assuntos Estratégicos. É chefiada por um coronel do EME e integrada por militares do Exército Brasileiro e de outros exércitos membros.

4. **Exércitos Membros**

– Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, El Salvador, Estados Unidos, Guatemala, Honduras, Paraguai, Peru, República Dominicana, Uruguai e Venezuela.

5. **Exércitos Observadores**

– Barbados, Canadá, Costa Rica, Haiti, Jamaica, México, Panamá e Trinidad e Tobago.

DELEGADOS – A CEP/CEA liga-se com os exércitos membros por meio de um oficial de ligação, que permanece em seu país. Ele tem a função de delegado à CEA.

Por intermédio desse delegado são enviadas as correspondências que interessem a cada país membro, tais como convites para as conferências, solicitação de estudos e temas, propostas para modificações de regulamentos e outras que se fizerem necessárias.

O delegado do Exército Brasileiro é um oficial da Seção de Relações Internacionais da 5ª Subchefia/EME. Este militar, conhecedor dos aspectos que envolvem o relacionamento dos países americanos com o Brasil, tem possibilidade de transmitir à SEP/CEA, com conhecimento de causa, as diretrizes do Exército Brasileiro para a condução dos assuntos da Conferência. Da mesma forma será ele que proporá, ao EME, a indicação dos órgãos encarregados do estudo e preparação de temas, bem como da designação dos delegados do Exército às diversas Conferências Especializadas.

Mais uma vez, o Exército Brasileiro recebe a missão de representar o País junto a exércitos de nações amigas. Se, em outras ocasiões, já dera mostras de sua **qualidade**, nesta oportunidade certamente também o fará, principalmente porque se trata da integração continental de países que têm primado pelo mais elevado grau de relacionamento democrático. ■

ATIVIDADES DA XX CONFERÊNCIA

A XX CEA compreenderá uma série de conferências que serão preparadas e executadas pela SEP:

CONFERÊNCIA	DATA	EXÉRCITO ENCARREGADO	LOCAL
Assuntos Civis e Reunião de Direito Militar	Mai/92	Guatemalteco	Guatemala
Logística	Ago/92	Norte-americano	Forte Lee Virgínia/EUA
Treinamento e Ensino	Nov/92		Fort Benning Geórgia/EUA
Ciência e Tecnologia e Medicina	6 a 13 Fev 93	Brasileiro	Brasília
Comunicações	24 Abr a 1º Mai 93		
Reunião Preparatória	10 a 17 Jul 93		
Informações	14 a 21 Ago 93		
Conferência de Comandantes	Nov 93		

Da montanha para os campos gerais

HISTÓRICA GRANDE UNIDADE DO EXÉRCITO, OUTRORA SEDIADA EM PETRÓPOLIS, É TRANSFERIDA PARA BOA VISTA, MUDANDO DENOMINAÇÃO, CONSTITUIÇÃO E EMPREGO OPERACIONAL.

Palácio Rio Negro, a antiga sede

Por Decreto de 13 de novembro de 1991 foi desativado o Comando da 1ª Brigada de Infantaria Motorizada (1ª Bda Inf Mtz), de Petrópolis-RJ. Suas Organizações Militares subordinadas foram transferidas e enquadradas em outras Grandes Unidades da Força Terrestre. Pelo mesmo ato foi ativado, em Boa Vista-RR, o Comando da 1ª Brigada de Infantaria de Selva (1ª Bda Inf Sl), sua nova denominação.

A VELHA BRIGADA – A extinta 1ª Brigada de Infantaria Motorizada teve sua origem no Grupamento de Unidades Escola (GUEs), criado em 1945 e efetivamente organizado em 1946, com sede em Deodoro, na cidade do Rio de Janeiro.

Passou a denominar-se, em 1969, 1ª Brigada de Infantaria e, em 1972, recebeu a denominação de 1ª Brigada de Infantaria Motorizada, sendo seu comando transferido para Petrópolis, em 1975. Naquela cidade fluminense ocupou o Palácio Rio Negro, majestoso prédio construído em 1889, e que foi sede do governo do Estado do Rio de Janeiro, de 1893 a 1903. Posteriormente abrigou, como residência de verão, diversos presidentes da República, tendo como último hóspede o Marechal Costa e Silva.

A 1ª Bda Inf Mtz pertencia ao Comando da 1ª DE, sediada na Vila Militar (Rio de Janeiro) e, à época de sua desativação, era assim constituída: Comando e Companhia de Comando (Petrópolis), 22º Batalhão de Infantaria Motorizado (Barra Mansa), 32º Batalhão de Infantaria Motorizado (Petrópolis), 19º Batalhão Logístico (Rio de Janeiro) e 21º Pelotão de Polícia do Exército (Petrópolis).

Todo o acervo documental e histórico, além das gloriosas tradições da 1ª Bda Inf Mtz têm agora uma herdeira: a 1ª Brigada de Infantaria de Selva, que, por certo, saberá honrar as tradições daquela Grande Unidade na nossa fronteira Norte.

A NOVA BRIGADA – A 1ª Brigada de Infantaria de Selva, criada em novembro de 1991, foi oficialmente instalada na cidade de Boa Vista, em 17 de março de 1992, em solenidade realizada no quartel do Comando de Fronteira Roraima/7º Batalhão de Infantaria de Selva. Seu primeiro comandante é o General-de-Brigada Francisco Pinto dos Santos Filho, gerente da ação de transferência do Comando da Brigada.

A GU emergente, que está sendo implantada progressivamente, terá como constituição inicial: o Comando da Brigada (Boa Vista), a Companhia de Comando (Boa Vista), o 1º Batalhão de Infantaria de Selva (Manaus), o Comando de Fronteira Roraima e 7º Batalhão de Infantaria de Selva (Boa

Insígnia do Comando da 1ª Bda Inf Mtz: a última arriação

O comandante da 12ª RM oficializa a instalação da 1ª Bda Inf Sl

Vista), o 12º Esquadrão de Cavalaria Mecanizado (Boa Vista), a 1ª Companhia de Comunicações de Selva (Manaus) e o 32º Pelotão de Polícia do Exército (Boa Vista).

Apesar de ter sido oficialmente instalada em 17 de março de 1992, desde 14 de janeiro último encontrava-se em plena atividade, na capital roraimense, o Destacamento do Comando da Brigada, com a missão de consolidar a implantação da nova Grande Unidade, que será mais um baluarte do Exército Brasileiro, posto a serviço da integração amazônica e da defesa dos legítimos anseios da soberania da Nação naquele cobiçado torrão pátrio. ■

Primeira incorporação do 32º Pel PE e da Companhia de Comando da 1ª Bda Inf Sl

A Cobram representa, entre outras, as empresas:

— BANDERART IND. TÊXTIL LTDA.
— ENGERAUTO S. A.
— HERING TÊXTIL S. A
— LANIFÍCIO SANTO AMARO S. A.
— MAGALHÃES SUCUPIRA S. A.

A Cobram tem a honra de participar do esforço de fardar e equipar, com QUALIDADE, as Forças Armadas, as Polícias Militares e os Corpos de Bombeiros.

Cobram

Comercial Brasileira de Manufaturados Ltda.

SCRS - Quadra 510 - Bloco "A" - Nº 31 - Sala 02 - Telefone: 244-9956
243-6555 - FAX: 244-5483 - CEP: 70.360 - Brasília - DF

Intimidade com o pódio

DURANTE O ANO DE 1991, O EXÉRCITO BRASILEIRO TEVE DESTACADA ATUAÇÃO NO ESPORTE. INÚMEROS DE SEUS ATLETAS ELEVARAM O NOME DA FORÇA TERRESTRE EM COMPETIÇÕES NO BRASIL E NO EXTERIOR.

Como ocorreu nos anos anteriores, o Exército Brasileiro tomou parte, em 1991, de competições militares nacionais e internacionais.

Estas últimas, sob a responsabilidade do CONSEIL INTERNATIONAL DU SPORT MILITAIRE (CISM), contam com a participação de dezenas de países. As equipes brasileiras, formadas por atletas do Exército, da Marinha, da Aeronáutica e das Forças Auxiliares, ficam sob a responsabilidade da Comissão Desportiva Militar do Brasil (CDMB), órgão subordinado ao Estado-Maior das Forças Armadas.

Além dessas, o Brasil também participa das competições internacionais organizadas pela União Desportiva Militar Sul-Americana (UDMSA).

As competições militares nacionais são programadas e dirigidas pela CDMB e envolvem equipes representativas das três Forças Singulares. O Exército participa desses eventos por meio da Comissão de Desportos do Exército (CDE), que é subordinada ao Centro de Capacitação Física do Exército e Fortaleza de São João (CCFEx-FSJ). Conta, para tal, com o apoio dos Comandos Militares de Área na montagem das diversas delegações desportivas.

Mais uma vez, os atletas do Exército deram mostras de técnica, espírito de luta, determinação e senso de equipe, apresentando resultados que merecem destaque pela excelência de sua QUALIDADE.

COMPETIÇÕES NACIONAIS – PRINCIPAIS RESULTADOS – 1991

a. CAMPEONATO BRASILEIRO DAS FORÇAS ARMADAS

ESPORTE	LOCAL	DATA	RESULTADO
Judô	Osasco	abril	
Pentatlo Militar	Campinas	maio	
Tiro	Resende	junho	EXÉRCITO
Atletismo	Rio de Janeiro	junho	
Orientação	Araçatuba	julho	CAMPEÃO
Basquete	Curitiba	agosto	
Corrida através do campo	Nova Friburgo	novembro	

b. NAVAMAER

Competição entre os futuros oficiais das três Forças, foi realizada em Resende, Rio de Janeiro e Pirassununga, em agosto e setembro.

1º lugar: AMAN (Exército)

c. NAE

Esta competição envolve as três Escolas Preparatórias. Foi realizada em Angra dos Reis, no mês de outubro.

1º lugar: EsPCEx (Exército)

COMPETIÇÕES INTERNACIONAIS – PRINCIPAIS RESULTADOS – 1991

a. XXXIX CAMPEONATO MUNDIAL DE PENTATLO MILITAR

Foi realizado na Noruega, no mês de julho.

1º lugar: BRASIL – bicampeão mundial

1º lugar individual: 2º Sgt BANDEIRA – bicampeão mundial

b. XII FESTIVAL SUL-AMERICANO DE CADETES

Foi realizado em Resende, no mês de setembro. Trata-se de uma competição entre futuros oficiais das Forças Armadas dos diversos países da América do Sul.

1º lugar em todas modalidades disputadas (atletismo, esgrima, natação, pentatlo militar e tiro): BRASIL

Natação do pentatlo: dificuldade em vencer obstáculos

PREVISÃO PARA OS DIVERSOS CAMPEONATOS NO ANO DE 1992

COMPETIÇÕES MILITARES NACIONAIS

EVENTO	LOCAL	PERÍODO
Pára-quedismo	Goiânia	março
Natação	Belo Horizonte	maio
Tiro	Belo Horizonte	maio
Atletismo	São Paulo	maio
Pentatlo Militar	Pirassununga	junho
Orientação	Uberlândia	junho
Tiro	Resende	julho
Judô	Guaratinguetá	julho
Voleibol	Campos	agosto
NAVAMAER	Rio de Janeiro e Resende	agosto
NAE	Barbacena	setembro
Corrida através do campo	Barbacena	novembro

COMPETIÇÕES MILITARES INTERNACIONAIS

Para o ano de 1992 estão previstas competições de pára-quedismo, em junho (Espanha); pentatlo militar, em setembro (Suíça); e orientação, em outubro (Brasil).

O Exército reconhece a importância dos esportes no aprimoramento do homem. Estas atividades envolvem não só força física e técnica apurada, mas exigem inteligência, garra, decisão e espírito de equipe, além de desprendimento e dedicação.

Os atletas que representam a Força Terrestre, em todas as ocasiões, independente dos resultados obtidos, têm sempre em mente o relevante papel que desempenham: mostrar ao País e ao mundo o valor do nosso soldado. Mostrar que **EXÉRCITO BRASILEIRO É QUALIDADE.** ■

150 anos com a Rainha

LEGÍTIMO REPRESENTANTE DA INFANTARIA – A RAINHA DAS ARMAS – O CENTENÁRIO 2º BIS DESTACA-SE COMO UNIDADE OPERACIONAL NA SELVA AMAZÔNICA

O 2º Batalhão de Infantaria de Selva (2º BIS) ou Batalhão Pedro Teixeira, comemora, neste ano, seu sesquicentenário. Com suas raízes históricas nos idos de 1842, por Decreto Imperial de 20 de agosto daquele ano, foi criado o Corpo Fixo de Caçadores do Piauhy, sua origem, com sede em Teresina.

Em outubro de 1860 mudou sua denominação para Corpo de Guarnição do Piauhy e, em dezembro de 1865, para 15º Batalhão de Caçadores, passando a integrar a Guarnição do Amazonas, sediada em Manaus. Posteriormente mudou sua sede para Belém, em 18 de agosto de 1888.

Como 15º Batalhão de Caçadores tomou parte ativa na Guerra do Paraguai e esteve entre as primeiras tropas brasileiras que transpuseram o rio Uruguai, em Paso de Los Libres. Teve decisiva atuação nas Batalhas de Avaí, Rio Verde e Cero-Corá. Participou da Campanha de Canudos, fazendo-se presente no encontro de Rancho do Vigário, que pôs fim àquele sangrento episódio de nossa história.

Em agosto de 1888 foi denominado 15º Batalhão de Infantaria, continuando em Belém. Em novembro de 1908 é criado o 47º Batalhão de Caçadores, organizado com três Companhias do 15º Batalhão de Infantaria, com sede naquela mesma cidade.

Em 11 de dezembro de 1919, sua denominação passou a ser 26º Batalhão de Caçadores, permanecendo na capital paraense, na Praça Justo Chermont, ao lado da Basílica de Nossa Senhora de Nazaré.

MISSÕES – Em 1930, o 26º Batalhão de Caçadores aderiu aos ideais que norteavam a Revolução de 30, que constituiu importante marco na evolução político-social brasileira.

Com a eclosão do movimento revolucionário de 1932, em São Paulo, deslocou-se o Batalhão para o Sul do País. Atuou nos Estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e na região de Porto do Delta, onde vários de seus integrantes se destacaram no combate.

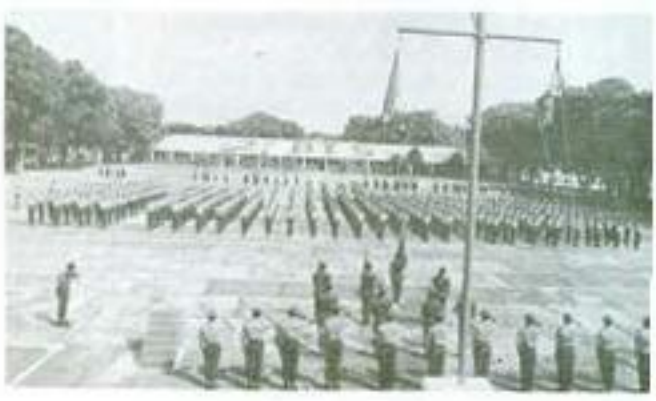
Em novembro de 1935, diante dos graves acontecimentos da Intentona Comunista, no Nordeste e no Sul do País, constituiu, com outras forças da guarnição, fator de segurança da família belenense.

Durante a II Guerra Mundial, o 26º Batalhão de Caçadores preparou um contingente de jovens paraenses que, em novembro de 1944, passou a integrar a gloriosa Força Expedicionária Brasileira, com significativa contribuição na luta contra o nazi-fascismo.

Por ocasião da Revolução de 31 de março de 1964, o 26º Batalhão de Caçadores, com seus oficiais e praças, achava-se perfeitamente identificado com os princípios democráticos daquele evento.

A denominação atual – 2º Batalhão de Infantaria de Selva – surgiu por Decreto de 11 de setembro de 1969, levando a Organização Militar a introduzir modificações na sua organização, em função da necessidade de adaptar-se às condições da área em que deveria atuar.

Corpo Fixo de Caçadores do Piauhy, Corpo de Guarnição do Piauhy, 15º Batalhão de Caçadores, 15º Batalhão de Infantaria, 47º Batalhão de Caçadores, 26º Batalhão de Caçadores e 2º Batalhão de Infantaria de Selva, o Batalhão Pedro Teixeira (denominação histórica recebida em Portaria Ministerial de 5 de abril de 1979), durante sua longa trajetória, iniciada em 1842, manteve sempre o mais sólido ideal de bem servir à Pátria.



Garbo e marcialidade: marcas do centenário Batalhão

Aqui se aprende a amar e a defender o solo amazônico

ATIVIDADES – Anualmente, além de incorporar, qualificar e adestrar o contingente de conscritos do grupamento A, o 2º Batalhão de Infantaria de Selva tem sob seu encargo o Núcleo de Preparação de Oficiais da Reserva, o Estágio de Instrução para os Aspirantes formados pelo NPOR, o Estágio de Adaptação e Serviço para médicos, farmacêuticos, dentistas e veterinários da 8ª RM, o Curso de Aperfeiçoamento de Sargentos da Arma de Infantaria, o Curso de Formação de Sargentos Temporários e o Curso de Formação de Cabos.

Além disso, a presença do Batalhão Pedro Teixeira é sempre solicitada nas atividades cívicas, culturais, sociais e religiosas da Guarnição de Belém, que realçam o seu muito bom relacionamento com aquela comunidade.

A família Verde-Oliva congratula-se com esta sesquicentenária Unidade e, irmanada pelo seu espírito de Defensora da Amazônia, ecoa em uníssono: **SELVA!** ■

O canhão light

EXÉRCITO ADQUIRE CANHÃO UTILIZADO EM TREZE PAÍSES

O Exército Brasileiro firmou contrato com a firma inglesa Royal Ordnance, pelo qual ficou acertada a aquisição de quatro peças do canhão 105 mm Light Gun L 118. A arma deverá ser submetida, inicialmente, a um necessário processo de avaliação, quando será verificada sua adequação às necessidades de nossa Força Terrestre.

A vida do denominado Light Gun começou em 1965, quando o Exército Inglês expediu as especificações para o substituto dos obuseiros 105mm Otto Melara, que estavam em serviço desde 1950. Projetado no Estabelecimento de Pesquisas e Desenvolvimento do Armamento Real, após bem sucedidos testes, o 105mm Light Gun L 118 foi adotado pela força terrestre britânica. Atualmente, esse moderno armamento compõe a artilharia de treze países, inclusive a dos Estados Unidos da América.

A ARMA – As seis partes principais do canhão são: massa oscilante; porta-berço e mecanismo de elevação e direção; flecha e conteiras; plataforma de tiro; semi-eixos; e sistema de pontaria.

A plataforma é circular, o que propicia uma base estável. As rodas trilham na sua aba externa, permitindo que a arma seja rápida e precisamente apontada para novos alvos em qualquer direção (6400'''). Isto também é possível com o Light Gun pousando suas rodas diretamente sobre o solo. Não há outro canhão semelhante que possua tal flexibilidade.

Pode ser rebocado com o tubo na posição de tiro ou com o tubo girado para a flecha, ou seja, a 3200''' da sua posição de tiro (centro de gravidade na posição ideal para ser guindado por helicópteros). Para ser colocado em condição de tiro, partindo-se da posição de transporte com o tubo rebatido sobre a flecha, tudo o que a guarnição da peça necessita fazer é elevar o reparo com o macaco, remover a roda de liberação rápida, girar o tubo e repor a roda, ficando o canhão pronto para ação. Com uma guarnição treinada, esta operação dura cerca de dois minutos.

A massa oscilante consiste na boca-de-fogo, mecanismo de recuo, berço com os munhões, mecanismo de elevação e mecanismo elétrico de disparo, inteiramente à prova d'água, que utiliza um confiável eletro-magneto para disparar a arma.

A flecha é fabricada em aço de alta tenacidade e resistência à corrosão. É arqueada para facilitar a pontaria em direção e permitir que o carregador e o municiador permaneçam no seu interior, mantendo uma elevada cadência de tiro em qualquer elevação. Há três tipos de conteiras apropriadas para terreno rochoso, macio ou para neve.

As rodas possuem freios de serviço hidráulicos, que permitem ao armamento ser rebocado em velocidades elevadas.

A luneta de tiro direto possui um retículo móvel, iluminado, que pode ser ajustado para o tiro em alvos móveis (precessão). Essa luneta e a panorâmica são operadas por apontador sentado.

A MUNIÇÃO – A carga de projeção é composta basicamente de cinco elementos, cobrindo os alcances de 2,3 km a 15,3 km e fornecida em estojo de latão. Existe uma supercarga, para o alcance de 17,2 km, fornecida em estojo separado. Ambas são acionadas eletricamente, o que represen mais confiabilidade do que o tradici nal acionamento por percussão.

Os tipos de granadas produzid incluem as de alto explosivo, as exercício, as iluminativas, as fumíg nas e as sinalizadoras (expelem fun ça laranja ou vermelha pelo culote).

Com a instalação da boca-de-fo L119, disparada por percussão, o ght Gun passa a empregar a muni norte-americana M1, o que o to mais versátil ainda.

O Exército Brasileiro visualiza, arma recém-adquirida para avaliaç a possibilidade de modernizar meios de lançamento de seus Gru de Artilharia de Campanha, que cam, assim, em condições de pre apoio de fogo mais eficaz, do tanto se fazem merecedores aqu que ocupam as primeiras linhas no combate. ■

Mobilidade: rapidez na ocupação de posições

Light Gun: a artilharia cada vez mais eficaz.

CARACTERÍSTICAS

- Alcance máximo: - carga de exercício: 9.500m; - carga normal: 15.300m; - super carga: 17.200m; - munição assistida: 21.000m
- Cadência de tiro: - em rajada: 12 tiros por minuto; - normal: 6 tiros por minuto; - sustentada: 3 tiros por minuto
- Mobilidade: - auto-rebocado; - helitransportado: - completo por 1 helicóptero r; - em 2 tandos, por 2 helicópte; - 2 armas completas (incluind ração), por 1 helicóptero pesa
- Guarnição: - normal: 6 homens; - mínima: 3 homens

AS CONDIÇÕES PODEM MUDAR MAS O DESEMPENHO DO NOSSO CANHÃO LEVE PERMANECE O MESMO.

Do Ártico aos trópicos, um canhão enfrentou repetidamente o desafio das mais árduas condições: o Canhão Leve de 105mm da Royal Ordnance.

Rápido de transportar e simples de operar, ele vem sendo utilizado por 13 exércitos em todo o mundo.

Sua segurança foi testada nas circunstâncias mais difíceis. Durante o conflito no sul do Atlântico em 1982, 30 Canhões Leves, transportados por helicópteros, fizeram 17.000 disparos, operando num raio de máximo alcance e sem falhar uma única vez.

Seu desempenho em longas distâncias é incomparável. Você verá que o nosso Canhão Leve pode lançar, com absoluta precisão, uma granada HE padrão a uma distância de 17.2km, com um alcance máximo de até 21km, utilizando munição "base bleed."

Qualquer que sejam as condições, onde quer que o seu exército precise ir, o Canhão Leve de 105mm oferece a você exatamente o que é de se esperar de um parceiro comercial como a Royal Ordnance.

Um desempenho inigualável.

BRITISH AEROSPACE
DEFENCE

O sonho de adquirir sua casa própria pode ser realizado. Depende de você.

FAM - Fundo de Apoio à Moradia.

A poupança com seguro de vida para ajudar você a realizar o sonho da casa própria e garantir a segu

da sua família. ☐ Se, até hoje, você não conseguiu realizar o sonho da casa própria, nós temos uma maneira para auxiliá-lo luta: o FAM — Fundo de Apoio à Moradia. ☐ O FAM funciona como uma poupança planejada, só que vinculada a um Seguro em Grupo. Foi idealizado e instituído pela FHE — Fundação Habitacional do Exército — especialmente para ajudar os m dessa força a adquirirem a casa própria. ☐ Hoje, porém, os militares da Aeronáutica, da Marinha e os funcionários civis do Mi do Exército, bem como os do Sistema FHE/POUPEX também podem contar com os benefícios do FAM. ☐ Apesar de estar prioritariamente para a formação de um fundo destinado à aquisição da casa própria, o saldo e os rendimentos da POUPEX podem ser retirados em outras circunstâncias, de acordo com o plano contratado. ☐ Para maiores informações, procure nas representações da FHE ou, então, o representante do Sistema FHE/POUPEX em sua OM ou pelo DDG (061) 800-3131. ☐ Mas, desde já, você pode estar certo de uma coisa: poupando com inteligência, você vai tornar a compra de sua casa própria mais fácil do que imagina. ☐ E, ainda de quebra, você tem um Seguro de Vida para amparo da sua família. ☐ Não perca tempo. Você e sua família merecem um futuro tranqüilo.

FUNDAÇÃO HABITACIONAL DO E

POUPEX

ASSOCIAÇÃO DE POUPANÇA E EMPR